



Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano

# Currículo em Debate - Goiás

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS - CONVITE À AÇÃO

HISTÓRIA

**VERSÃO PRELIMINAR 7.7**



**Governador do Estado de Goiás**

Alcides Rodrigues Filho

**Secretaria de Estado da Educação**

Milca Severino Pereira

**Superintendente de Educação Básica**

José Luiz Domingues

**Núcleo de Desenvolvimento Curricular**

Flávia Osório da Silva

Maria do Carmo Ribeiro Abreu

**Coordenadora do Ensino Fundamental**

Maria Luíza Batista Bretas Vasconcelos

**Gerente Técnico-Pedagógica do 1º ao 9º ano**

Maria da Luz Santos Ramos

**Elaboração do Documento**

Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

**Equipe de Apoio Pedagógico**

Maria Soraia Borges,

Wilmar Alves da Silva

**Equipe Técnica das Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás**

Anápolis, Aparecida de Goiânia, Campos Belos, Catalão, Ceres, Formosa, Goianésia, Goiás, Goiatuba, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapaci, Itapuranga, Itumbiara, Jataí, Jussara, Luziânia, Metropolitana, Minaçu, Mineiros, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Piracanjuba, Piranhas, Pires do Rio, Planaltina de Goiás, Porangatu, Posse, Quirinópolis, Rio Verde, Rubiataba, Santa Helena de Goiás, São Luís de Montes Belos, São Miguel do Araguaia, Silvânia, Trindade, Uruaçu

**Equipes escolares**

Diretores, secretários, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade

**Assessoria (6º ao 9º ano)**

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)

**Presidente do Conselho Administrativo:**

Maria Alice Setubal

**Superintendente:**

Maria do Carmo Brant de Carvalho

**Coordenadora Técnica:**

Maria Amábile Mansutti

**Gerente de Projetos:**

Anna Helena Altenfelder

**Coordenadora de Projeto:**

Meyri Venci Chieffi

**Assessoria Pedagógica:**

Maria José Reginato

**Assessoria da Coordenação:**

Adriano Vieira

**Assessoria por área de conhecimento:**

Adriano Vieira (Educação Física), Anna Josephina Ferreira Dorsa (Matemática), Antônio Aparecido Primo (História), Conceição Aparecida Cabrini (História), Flávio Augusto Desgranges (Teatro), Humberto Luís de Jesus (Matemática), Isabel Marques (Dança), Lenir Morgado da Silva (Matemática), Luiza Esmeralda Faustini (Língua Inglesa), Margarete Artacho de Ayra Mendes (Ciências), Maria Terezinha Teles Guerra (Arte), Silas Martins Junqueira (Geografia)

**Apoio Administrativo:**

Solange Jesus da Silva

**Parceria**

Fundação Itaú Social

Vice-Presidente: Antonio Jacinto Matias

Diretora: Ana Beatriz Patrício

Coordenadoras do Programa: Isabel Cristina Santana e Maria Carolina Nogueira Dias

**Docentes da UFG, PUC-GO e UEG**

Adriano de Melo Ferreira (Ciências/UEG), Agostinho Potenciano de Souza (Língua Portuguesa/UFG), Alice Fátima Martins (Artes Visuais/UFG), Aneleyce Teodoro Rodrigues (Educação Física/UFG), Darcy Cordeiro (Ensino Religioso/CIERGO), Denise Álvares Campos (CEPAE/UFG), Eliane Carolina de Oliveira (Língua Inglesa/UEG), Eduardo Gusmão de Quadros (Ensino Religioso/PUC-GO), Eguimar Felício Chaveiro (Geografia/UFG), Lucielena Mendonça de Lima (Letras/UFG), Maria Bethânia S. Santos (Matemática/UFG), Noé Freire Sandes (História/UFG)

**Digitação e Formatação de Texto (versão preliminar)**

Equipes das áreas do Núcleo de Desenvolvimento Curricular



## Novos temas no ensino de História: uma abordagem a partir das sequências didáticas

*A toda hora rola uma história  
que é preciso estar atento.*  
Paulinho da Viola, “Rumo dos ventos”.

Amélia Cristina da Rocha Teles<sup>1</sup>  
Janete Romano Fontanezi<sup>2</sup>  
Márcia Aparecida Vieira Andrade<sup>3</sup>  
Maria Geralda de Almeida Moreira<sup>4</sup>

Professor(a) com o caderno 7 damos continuidade a metodologia de sequência didática para inserir no cotidiano da sala de aula temas pouco visitados por professores e estudantes, mas que são essenciais para uma educação libertadora. Uma educação identificada com as condições de nossa realidade, integrada ao nosso espaço levando os estudantes a refletirem sobre sua condição de sujeito (FREIRE, 1996).

As sequências didáticas proporcionam a reflexão sobre a identidade coletiva e individual, abordando temas como festas e documentos, movimentos sociais e meio ambiente.

Na Sequência Didática deste caderno para o 8º ano *Festas e Identidade: do documento pessoal ao registro da memória coletiva* debate a representação do Brasil como nação. As categorias abordadas ao longo da SD ajudam na compreensão dos aspectos comuns bem como da diversidade presente na formação da Nação como elementos que enriquecem a cultura nacional e tornam-se essenciais na formação da identidade coletiva e individual.

A partir de elementos como a festa e o documento convidamos a pensar a idéia de nação e de identidades como categorias importantes para a cidadania e para a compreensão da história, procurando construir uma ponte entre a história e a vida, partindo do cotidiano. Assim, o acompanhamento dos festejos populares pode ser pensado como indício da formação de um sentido comum e de uma identidade coletiva.

A Sequência Didática para o 9º ano *Os movimentos sociais do campo em Goiás (1930-1979)*, aborda temas da história local e de certa forma pouco explorados pela indústria editorial e pela produção historiográfica das academias. Assim, buscamos

---

<sup>1</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>2</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC

<sup>3</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>4</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC e da UEG.

rememorar páginas da nossa história até então pouco folheadas e de certa forma desconhecidas da sociedade, como por exemplo, a “Marcha para Oeste”, a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás e o Movimento dos Trabalhadores Rurais de Trombas e Formoso (décadas de 40, 50 e 60 do século XX).

O conhecimento do processo de modernização que alterou profundamente a vida social em Goiás é essencial para a compreensão da história local. A região outrora ocupada por pequenos agricultores, índios e posseiros será incorporada aos novos fluxos econômicos. A ocupação da região foi dinamizada com a construção de Goiânia e Brasília e, rapidamente, Goiás se transformou em nova fronteira agrícola, com ênfase na pecuária e na produção de grãos (soja). A tortuosa vegetação do cerrado foi sendo substituída por pastagens e plantações e os posseiros foram pressionados a abandonar a terra que garantia o sustento das comunidades rurais. A posse da terra se transformou em um problema social que ainda hoje merece reflexão: importa discutir as conseqüências da concentração fundiária, o movimento de luta pela posse da terra, os problemas ambientais decorrentes da ocupação desordenada do cerrado e as políticas que procuram aliar desenvolvimento e preservação da natureza.

Entregamos a você professor e professora este caderno com a certeza de que a metodologia indicada e os temas selecionados e trabalhados nas seqüências didáticas, contribuirão para a sua prática cotidiana na sala de aula, no desafio de fazer do ensino de História algo vivo e do interesse dos/das estudantes, assumindo o desafio de aprender dentro e fora da escola, incorporando no currículo vivido e executado em sala de aula temas ligados ao cotidiano e a história de vida dos diversos sujeitos.

O trabalho com seqüência didática não é uma resposta final para uma aprendizagem significativa, mas um instrumento de trabalho, uma referência. Buscamos com cada uma das escolhas que segue, não encontrar soluções, pois estas serão definidas em cada momento de ensino por cada um dos envolvidos nesse processo (estudantes, professores, gestores), mas auxiliar o professor(a) na introdução de temas e sujeitos no ensino de história.

Finalizamos com a certeza de que o diálogo é essencial no processo de ensino aprendizagem de história, pois “ninguém só ensina aos outros nem aprende sozinho” diz Freire (1970).

## Referências

ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003.

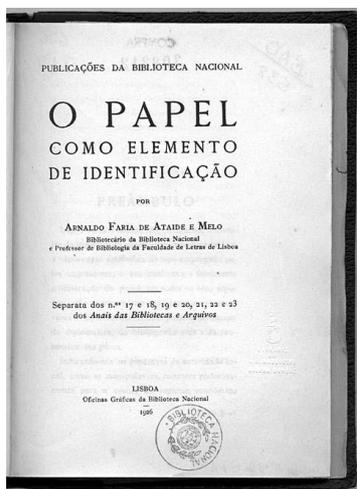
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. São Paulo: Papirus, 2007.

# SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 8º ANO



### FESTAS E IDENTIDADE: DO DOCUMENTO PESSOAL AO REGISTRO DA MEMÓRIA COLETIVA

#### Equipe de História:

Amélia Cristina da Rocha Teles<sup>6</sup>  
Janete Romano Fontanezi<sup>7</sup>  
Márcia Aparecida Vieira Andrade<sup>8</sup>  
Maria Geralda de Almeida Moreira<sup>9</sup>

### FESTAS E IDENTIDADE: DO DOCUMENTO PESSOAL AO REGISTRO DA MEMÓRIA COLETIVA

#### Eixos Temáticos

- Diversidade cultural: encontros e desafios;
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas.
- Terra propriedade: poder e resistência.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://purl.pt/182/1/bad-538-p\\_JPG/bad-538-p\\_JPG\\_08-G-R0072/bad-538-p\\_0003\\_rosto\\_t08-G-R0072.jpg](http://purl.pt/182/1/bad-538-p_JPG/bad-538-p_JPG_08-G-R0072/bad-538-p_0003_rosto_t08-G-R0072.jpg)

<sup>6</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>7</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC

<sup>8</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>9</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC e da UEG.

## **Expectativas de aprendizagem da Matriz Curricular**

- identificar o patrimônio cultural das comunidades indígenas e negras do Estado de Goiás com vistas a sua valorização;
- descrever os elementos que compõem o patrimônio imaterial do Estado festas, cantigas, culinária...);
- discutir as representações sociais dos sujeitos coloniais (brancos, negros, índios e mulheres) na literatura brasileira em sua fase romântica;
- refletir sobre os limites da soberania política de uma nação marcada pelo colonialismo.
- Compreender os conceitos de cidadania, identidade e nação no seu cotidiano.

## **Recursos Pedagógicos**

\* Aparelho de som, cd, papel, cola, barbante, mapas, livros, revistas e internet.

## **Quantidade de aulas**

17 aulas

## **Apresentação da Proposta**

Esta sequência didática foi pensada para você professor (a), realizar na sala de aula com estudantes do 8º ano da Rede Estadual, na implementação da Reorientação Curricular em curso no Estado de Goiás. O fato de o currículo ter sido repensado a partir de três eixos: leitura e escrita; cultura local e cultura juvenil levou a equipe de História a pensar os documentos e os ritos (festas), como elementos constitutivos da identidade e da nacionalidade.

A sequência pretende discutir a representação do Brasil como nação. Assim, escolhemos uma marcha carnavalesca de Lamartine Babo, que brinca com a invenção do Brasil. A rica simbologia, reunindo as imagens definidoras da nacionalidade (Ceci, Peri, Feijoada e Parati) serviram de suporte para pensar essa invenção que nos define e, conforme a música sugere, está colada na imaginação e na festa e não nos ritos oficiais

demarcados pela historiografia. A festa, portanto, foi tomada como ponto de partida para nossa reflexão. O acompanhamento dos festejos populares pode ser pensado como indício da formação de um sentido comum, compartilhado pela comunidade capaz de formular um sentido de identidade. Vale a pena insistir que o conceito de identidade deve ser usado sempre no plural, pois ao valorizar o sentido de unidade que a identidade comporta corre-se o risco de deixar de lado a percepção da diferença que impulsiona o sentido da mudança e da pluralidade.

Insistindo na marchinha de Lamartine Babo, ressalte-se que nela o compositor indaga sobre quem inventou o Brasil, invertendo a tradicional questão que ocupou os historiadores: quem e como o Brasil foi descoberto. Assim, a nação aparece como problema, para além do discurso do historiador que pretende documentar o “nascimento do Brasil”. Nessa direção, indicamos os documentos pessoais como problema para investigação: a certidão de nascimento, como reconhecimento da cidadania. Ressaltamos as formas e fontes de poder que legitimavam esses registros: a Igreja e o Estado. A trajetória histórica desses registros revela formas de sociabilidade próprias à dinâmica da sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX.

Em seguida trabalhamos, em largos traços, sobre o processo de independência realçando o sentido de ruptura e de continuidade que marcaram o processo de constituição do Estado Nacional. Os documentos selecionados permitem refletir sobre momentos essenciais da vida do cidadão: o batismo, o casamento e a morte. Neles se apresentam práticas sociais reveladoras das diferentes formas em que os sujeitos sociais experimentavam o sentido e o limite da unidade que o conceito de nação comporta.

Tais conceitos podem ajudar na compreensão dos aspectos comuns bem como da diversidade presente na formação da Nação como elementos que enriquecem a cultura nacional e tornam-se essenciais na formação da identidade coletiva e individual.

## Sensibilização

Professor (a), discutir a invenção do Brasil pode ser uma estratégia instigante para refletir sobre a comunidade nacional que formamos. Essa é uma questão **controvertida**, pois os brasileiros se imaginam unidos em ritos externos: nas comemorações decorrentes da conquista da copa do mundo sentimos que a vitória da seleção canarinho pertence a todos nós, brasileiros. E assim nos identificamos com o que achamos que nos representa: o futebol, a feijoada, a música, a literatura. O sentimento coletivo que nos unifica como povo – festas, ritos, cultura – encobre a enorme diferença social que nos divide. Enfim, o que podemos chamar de identidade é o modo como nos imaginamos como nação, uma comunidade de sentimentos definidos por culturas, línguas e um território.

A música pode ser ouvida no site do You tube

<http://www.youtube.com/watch?v=eJH8GIAvhlQ&feature=related> e a letra esta disponível no site <http://vagalume.uol.com.br/lamartine-babo/historia-do-brasil-archacarnaval.html>.

Professor (a) a sensibilização será realizada por meio de uma marchinha de carnaval, com a qual se pretende discutir a invenção do Brasil enquanto nação.

A canção deve ser ouvida e lida coletivamente pelo grupo, em seguida deve-se indagar sobre o significado das comparações presentes na música a partir dos questionamentos a seguir.

### **História do Brasil (marcha/carnaval)**

#### **Lamartine Babo**

Composição: Lamartine Babo - 1934

Quem foi que inventou o Brasil?

Foi seu Cabral!

Foi seu Cabral!

No dia vinte e um de abril

Dois meses depois do carnaval

Depois

Ceci amou Peri

Peri beijou Ceci

Ao som...

Ao som do Guarani!

Do Guarani ao guaraná

Surgiu a feijoada

E mais tarde o Paraty

Depois

Ceci virou Iaiá

Peri virou Ioiô

De lá...

Pra cá tudo mudou!

Passou-se o tempo da vovó

Quem manda é a Severa

E o cavalo Mossoró

Lamartine Babo - Lamartine de Azeredo Babo - o Lalá - nasceu no Rio de Janeiro em 08 de Março de 1904. Foi o mais versátil de todos os compositores do começo do século. Começou a compor aos 14 anos - uma valsa. Quando foi para o Colégio São Bento dedicou-se a músicas religiosas - depois foi a vez das operetas. Contudo, ficou conhecido como o Rei do Carnaval, vencendo, por anos consecutivos, com suas marchinhas divertidas - cantadas até hoje, como *O Teu Cabelo Não Nega*, *Grau 10*, *Linda Morena*, e *A Marchinha do Grande Galo*. Fez também a maioria dos hinos dos grandes times brasileiros - sendo o primeiríssimo em seu coração, o América.

Essa canção fez sucesso no carnaval de 1934. A marchinha, bem como o carnaval, brinca com o que é levado a sério para certa concepção de conhecimento histórico, afinal, gastou-se muita tinta em torno da questão do descobrimento. Mas a brincadeira também revela um modo de pensar, sobretudo questiona a representação de um acontecimento, no caso o chamado “descobrimento” do Brasil.

Professor (a) você deve explicar o significado de representação aos estudantes. Fale também sobre a Ópera de Carlos Gomes – Guarani. Depois peça que levantem hipótese, vá anotando as respostas, monte um painel com as várias falas e verifique se apareceram as idéias de identidade, nação e representação.

- Após a leitura da música discuta por que as palavras Ceci, Peri, Guaraná e Parati são chaves para representar o Brasil.
- Discuta também como o personagem Cabral e a referência à Ópera, Guarani podem representar o Brasil.
- Para você isso tudo é uma representação de nação.

**Professor (a), solicite aos estudantes para realizarem uma pesquisa na literatura brasileira sobre os personagens que aparecem na música.**

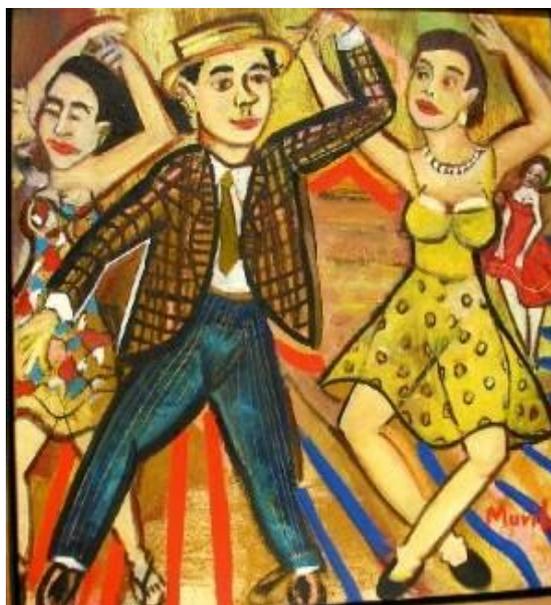
## **Diagnóstico**

Professor (a), o momento do diagnóstico é essencial para observar as “leituras de mundo”, para usar uma frase de Paulo Freire, que os alunos possuem referentes aos conceitos de identidade, nação e nacionalidade. Estes saberes, provenientes do senso comum, não devem ser descartados, mas servir de base para a discussão e ampliação dos conhecimentos sobre o tema.

Para levantar esses conhecimentos é interessante propor uma situação-problema, pois, como diz Rubem Alves (1985), em Filosofia da Ciência, um carro sem problemas não nos preocupa, mas quando ele apresenta algum problema, não quer mais andar, que nos movimentamos para encontrar a solução do problema. As atividades em sala devem partir de uma questão que leve à investigação, discussão e construção coletiva do saber.

Nesta sequência didática, o diagnóstico se dará por intermédio das imagens, por meio da qual se verificará o conhecimento prévio dos estudantes a partir da exposição oral das suas idéias sobre identidade, nação, nacionalidade.

Professor(a) é bom conversar com os estudantes, pois eles fazem parte de um grupo, e são vistos como pertencentes a uma “tribo” (por exemplo, Hip Hop, Dark, Góticos, Metaleiros). Procure saber qual e que elementos os indivíduos que participam dessa tribo compartilham. Você também pode levar para a sala outras imagens locais para realizar esta atividade que pretende refletir um pouco sobre a cultura juvenil.



10

<sup>10</sup> Imagem 1- [http://alexavier.files.wordpress.com/2008/02/gralhas\\_festa\\_do\\_pinhao.jpg](http://alexavier.files.wordpress.com/2008/02/gralhas_festa_do_pinhao.jpg). Imagem 2 - [persivo.blogspot.com](http://persivo.blogspot.com)

## **Atividade 2**

Aqui se busca trabalhar com imagens enquanto documento histórico, tendo como foco a identidade do povo brasileiro.

Para você trabalhar com os estudantes as imagens é preciso apresentá-las em uma transparência ou impressas e em seguida solicite que identifique o que contem cada uma das imagens.

O objetivo é verificar se os estudantes identificam aspectos da cultura e da identidade brasileira presentes nas imagens.

Peça que olhe e analise individualmente as imagens e veja o que elas retratam.

Pergunte aos estudantes se eles conseguem identificar elementos da cultura e da identidade brasileira nas imagens.

- Vocês já viram algo parecido? Dançam algo semelhante? Com que frequência?
- De quais danças vocês mais gostam?
- O que você entende por identidade?

Professor(a) vá anotando as respostas para depois retomá-las em outro momento.

## **Ampliação dos conhecimentos**

Professor(a), o diagnóstico foi realizado a partir das imagens de festejos para pensar a cultura e a identidade do povo brasileiro. No texto a seguir, a festa continua sendo elemento importante para pensar a pluralidade presente nas comunidades que formam a sociedade brasileira.

Nesse momento da sequência se dará o contato inicial com os conceitos-chave (nação, identidade, independência) conforme se realiza, o trabalho verifique se está ocorrendo a compreensão dos mesmos.

## **Atividade 3 – Trabalhando com o texto “*Identidade e Festas*”**

Professor (a) antes da leitura:

- é interessante promover uma conversa sobre o mesmo, para despertar o interesse, aguçar a curiosidade.

- levantar hipóteses sobre o conteúdo, o título
- se tem conhecimento sobre o autor (a) e do texto.
- faça a leitura coletiva do texto. Converse com os estudantes para destacar as principais idéias e anote-as no caderno.

### **Durante a leitura**

Professor(a) é hora de ler o texto *Identidade e festas* de DAMASCENO, Adriane Álvaro. Como o texto é um pouco longo, é interessante que esta leitura seja dialogada, por blocos de sentido, de forma que após cada bloco lido, você coordena a discussão do grupo.

A seguir, sugerimos um roteiro de Leitura:

**1ª parada** – No final do 6º parágrafo, promova uma discussão para verificar o entendimento do texto. Peça aos estudantes que vá anotando o que considerar mais importante.

**2ª parada** – No final do 10º parágrafo, é interessante você dar continuidade as discussões referentes às comunidades indígenas no Brasil e em Goiás e aos tipos de festas realizadas por eles.

Você pode iniciar um debate também referente as imagens contidas no texto.

- quem é o autor de cada imagem?
- o que se vê nas imagens?
- o que elas contam?
- tem semelhanças e diferenças entre elas?
- há uma legenda nestas imagens?
- há ligação entre as imagens e o texto?

**3ª parada** – até o final do texto.

- dê continuidade às discussões sobre festa popular, festas enquanto transmissão de valores, patrimônio imaterial.

## Identidade e festas

DAMASCENO, Adriane Álvaro<sup>11</sup>

Professor (a), antes de iniciar a discussão sobre identidade e festas, comentar se é somente através de documentos escritos que se conhece a identidade de um povo. Fale sobre as festas, ritos, mitos que também constroem a nossa identidade.

Você pode buscar no livro didático subsídios para a contextualização do momento estudado.

Todos nós fazemos aniversário e algumas vezes comemoramos com uma festinha. Festa de aniversário diz respeito à comemoração de nosso nascimento, mas também se comemora o aniversário de diversos eventos.

Quando a pessoa produziu algo considerado muito importante, acreditem se comemora o aniversário de morte desta pessoa (a comemoração da morte é uma forma de enaltecer a vida e as realizações do homenageado). A cidade que moramos faz aniversário, personagens de história em quadrinhos, canal de TV, inclusive nosso país também fazem aniversário (uns contam a partir do “descobrimento,” outros da “independência”). Podemos até fazer uma narrativa histórica tecendo fios que nos apontam as festas ao longo de toda história, pois a comemoração de um evento como o aniversário faz parte de diversas culturas.

Comemorar um evento significa ordenar as lembranças que pertencem ao conjunto da sociedade. Podemos comemorar, no sentido de rememoração, até mesmo a morte de alguém, cuja vida marcou um tempo. Os historiadores e jornalistas publicaram e refletiram, em agosto de 2004 sobre a presença do Presidente Getúlio Vargas em nossa sociedade, quando completou 50 anos de sua morte. No ano de 2000 comemoramos 500 anos da descoberta do Brasil. Essas lembranças, diferente dos aniversários das pessoas, são lembradas por meio de pesquisas e do desejo de que tais datas representem o nosso passado. Lembrar das referências do passado significa reforçar os laços de solidariedade que organizam uma cultura. Esse tipo de comemoração faz parte de diversas culturas.

Se fecharmos os olhos por alguns instantes e pensarmos em festas, seremos capazes de lembrarmos de pelo menos três festas que nos vêm a mente. A escola também tem um calendário só com as datas festivas você sabe quais são?

---

<sup>11</sup> Doutoranda em Geografia pela UFG.

Já imaginou se cada pessoa tivesse um jeito próprio de contar os dias, os anos? Afinal de contas, como seria para festejar um aniversário? Quantos anos se comemorariam? Se não soubéssemos em que dia estamos e que dia será daqui a algumas semanas, como poderíamos marcar uma festa, um passeio ou mesmo um teste? Ufa! Que bom que estudamos nosso calendário no 6º ano, lembra? Senão, que tal uma pesquisa rápida para podermos festejar melhor?

A festa é um ato social, político e histórico e revela um momento e o espaço de comemoração que implica música, dança, brincadeiras e até jogos. A festa, como já falamos, serve muitas vezes para celebrar nosso nascimento ou o reconhecimento de alguma coisa, reafirmando nossa identidade que é ao mesmo tempo individual e coletiva, não é estanque e sim dinâmica, está sempre em construção assim como a nossa cidadania. Nós podemos fazer nossa própria lista de eventos festivos, ligados à nossa vivência ou vivência de nossos familiares.

Quando se pesquisa sobre festa, vemos que há autores que definem três tipos de festas: carnaval, festas dos santos e festas cívicas. Há outros que dividem de outra maneira: populares, sagradas, profanas, de trabalho ou de ócio. Seja qual for a denominação, sabemos que muitas delas estão presentes no Brasil desde a colônia e foram descritas primeiramente por memorialistas e por viajantes que vinham ao Brasil conhecer sua fauna, flora e também o povo e seus costumes. Só depois é que alguns jornais passaram a ser fonte de pesquisa.

“Os primeiros jornais surgiram em Goiás no século XIX, e neles recolhemos muitas informações sobre festas nesse período. No *Matutina Meiapontense*, porque era de uma cidade chamada Meia Ponte, atual Pirenópolis, encontramos algumas notícias sobre festas que você nem é capaz de imaginar...Você acredita que em Goiás, muito distante da corte do Rio de Janeiro, capital do Brasil da época, faziam-se festas para comemorar o aniversário do rei, ou de sua família, casamentos e batizados, sendo que o rei nunca esteve em Goiás” (Deus e Silva, 2003, p.18).

Não podemos esquecer que mesmo antes da colonização do Brasil, deveria haver uma infinidade de celebrações indígenas. Diante da enorme quantidade de populações indígenas presentes em terras brasileiras, dá para imaginar a quantidade de festas que cada uma realizava, afinal “todo dia era dia de índio” e seus rituais festivos muitas vezes duravam dias, semanas ou meses.

Muitos povos indígenas celebravam e ainda celebram a passagem da infância para a puberdade tanto dos meninos quanto das meninas (é que eles não comemoram

aniversários como nós). Estamos falando do Hetohoky, festa de iniciação dos meninos do povo Karajá, que simboliza a transição da fase criança para a fase adulta masculina, onde o menino será preparado para desenvolver habilidades de caça, pesca, canto, dança e outras. Durante a festa o menino tem o corpo pintado e cabelo cortado...

#### **Fique Ligado:**

Uma equipe da Fundação Cultural do Tocantins, juntamente com técnicos do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional – IPHAN, estará acompanhando o ritual dos índios Karajá, na Aldeia de Santa Izabel, na ilha do Bananal, que marca a passagem do menino para a fase adulta, conhecido como Heteroky (lê-se retorrokã, que significa Casa Grande). O objetivo da visita é fazer a captação de imagens do ritual, para o estudo e instrução do processo de registro de bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro.

Fonte: <http://cultura.to.gov.br/noticia>.



Foto: Emerson Silva. Fonte: in: <http://cultura.to.gov.br/noticia.php?id=52>

Há na nossa formação histórica e social uma grande circularidade cultural entre os povos, por meio de gestos, cantos, danças e linguagens. Vocês devem conhecer ou já ouviram falar de cateretê ou catira. Estudiosos apontam essas danças de origem indígena advindos como parte da influencia indígena na própria cultura goiana. Outro exemplo marcante é a congada, que mostra a emergência da cultura negra no território da religião católica, onde se inaugura uma forma de rezar que é cantado e dançado com tons e ritmos africanos.



"Catira – Revivendo Memórias";  
Escola Estadual Washignton Barros França-Jatai - Fonte:  
<http://www.educacao.go.gov.br/educacao/especiais/vivaareviva/jatai/trabalho08.asp>



Congada de Catalão em Goiânia. Foto: Adriane Damascena

A junção inicialmente compulsória de indígenas, africanos e portugueses, produziu, além de célebres confrontos ao longo de séculos, muitos ritmos e festas, tais como a congada, folia de reis, festa junina, festa do divino, catira, samba, sussa e tantas outras formas de expressão de alegria e resistência.

“As Festas do Divino no Brasil acontecem, desde o início, de maneiras muito diferentes. Em São Luis do Maranhão, por exemplo, elas são comemoradas em terreiros de candomblé, chamados de Tambor de Mina. Em Rondônia, numa região chamada Vale do Guaporé, na divisa do Brasil com a Bolívia, essa festa é realizada com procissões em barcos, em que mulheres carregam bandeiras do Divino” (Deus e Silva,2003,p.20).



Carlos Julião (por volta de [1740-1811](#) ou [1814](#)) Cortejo da Rainha Negra na Festa de Reis.



Rugendas. Congado. Fonte: In: [pt.wikipedia.org/wiki/Chico\\_Rei](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Rei)

Não podemos esquecer que muitas pessoas e alguns grupos que estão à frente das festas ditas populares, muitas vezes não tem o domínio da escrita. Assim, sua comunicação e registro se dão por meio de danças, cantos e muitas rimas para facilitar a memorização. Desta forma, o povo preserva sua memória que é sempre atualizada por meio das festas que transmitem valores, regras e crenças. Assim, quando festejamos também aprendemos e ensinamos. É o aprender brincando.

Professor/a, nesse momento, retomar a discussão da importância da leitura e escrita como um direito e um exercício de cidadania. Uma das metas da Reorientação Curricular como compromisso de todas as áreas.

O processo de transmissão de conhecimentos por meio das festas é também conhecido como educação não formal que se dá por meio da tradição oral na qual, geralmente, os mais velhos tem o conhecimento e transmite aos mais novos. Esse tipo de prática é comum em populações que não tem o domínio da escrita, o que nos faz também repensar o que chamamos de documentos históricos. Assim, os cantos, as rezas, as cantigas de ninar, saberes fornecidos por meio da oralidade também são reconhecidos como

documentos que revelam uma época, um povo, um lugar, portanto, são históricos. Uma outra barreira também foi quebrada quando foram reconhecidas as produções das populações que vinham “escrevendo” sua história, nos corpos, nos cantos, nas danças, nas comidas, nos instrumentos musicais e de trabalho e claro nas festas, como patrimônio imaterial.

### **Professor(a), estes textos são para você. Afinal, o que é o patrimônio imaterial?**

#### **“Patrimônio Imaterial**

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana". ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br))

#### O IPHAN E O REGISTRO

Depois de muita discussão e reivindicação política de diversos movimentos sociais e órgãos internacionais como a UNESCO. O Estado brasileiro toma para si a responsabilidade do registro do patrimônio imaterial, por meio do órgão competente que é o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Instituiu para isso o *Registro de Bens culturais de natureza imaterial*, que é materializado em 4 livros: O livro dos saberes, O livro das celebrações, O livro das formas de expressões e por fim o livro dos lugares.

**Saiba mais visitando o site:** <http://www.revista.iphan.gov.br/>

### **e agora, para onde vamos?**

Grandes nomes da nossa literatura, da nossa música, da nossa poesia, das nossas artes plásticas estão justamente se voltando para as culturas populares. **José de Alencar**, o romantismo brasileiro, a descoberta dos nossos índios, **Euclides da Cunha** escrevendo Os Sertões e trazendo para o Brasil todo o modo de ser e viver das gentes dos fundos da Bahia, mais tarde **Mario de Andrade** saindo para o Brasil, pesquisando com equipamentos precaríssimos os nossos negros, os nossos indígenas, as nossas músicas e festas tradicionais. O movimento que vem do século 19, de redescoberta das nossas raízes, das nossas maneiras indígenas, negras, populares de ser, mas de certa maneira impermeável à educação. Hoje nós estamos vivendo um momento, não só aqui no Brasil, mas em vários lugares do mundo inteiro, nós descobrimos que a única maneira de nós nos universalizarmos, uma palavra melhor do que globalizar é estabelecermos diálogos entre nós e com aquilo que nos é próprio e peculiar, que está na raiz da nossa identidade, da nossa maneira de ser.

**Carlos Rodrigues Brandão**

Fonte: [http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/carlos\\_brandao.htm](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/carlos_brandao.htm)

### 3.1 - Depois da leitura do texto “Identidade e Festas”

Professor(a) para fazer uma síntese como está sendo pedido deve-se primeiro trabalhar com os procedimentos de leitura de imagens (indicado na SD do 7º ano). É importante você encaminhar a pesquisa sobre a participação das mulheres no século XIX. Como sugestão algumas questões para o trabalho: a mulher era excluída dessas festas ou havia funções específicas para homens e para mulheres?

- com os estudantes faça uma síntese sobre a leitura de imagens.
- a autora fala que a comemoração das festas faz parte de diversas culturas. Explique isso.
- qual o tipo de celebração é realizado pelos índios Karajás? Estas celebrações são importantes? Justifique.
- a congada é muito conhecida em Goiás? Como esta festa chegou aqui? Fale um pouco sobre ela.
- o que você entende por Festa Popular?
- você acha que a tradição oral é importante para o estudo das festas? Explique.
- o que é Patrimônio Imaterial?
- faça uma lista das festas citadas no texto.
- pesquise um pouco da história das festas citadas que você não conhece.
- faça um desenho que represente os principais eventos festivos ligados a você e sua família. Exponha seu desenho no varal de idéias na sala de aula.
- faça uma pesquisa em trio na biblioteca da sua escola, da sua cidade e/ou no laboratório de informática. Como era a participação das mulheres nas festas de sua região no século XIX?
- socializar com a turma.

#### Atividade 4 - Festa do Divino.

Professor(a) ao trabalhar com a Festa do Divino é importante que você inicie com uma pergunta.

- você conhece ou já ouviu falar sobre a Festa do Divino?
- leia o trecho do texto do livro de Hugo de Carvalho Ramos, Tropas e Boiadas:  
“Folias do Divino, com cantoriaslouvaminheiras de crianças à frente das filarmônicas, os peditórios de porta em porta por meninos e cavalheiros revestidos de balandrau e opa encarnada, o cetro, a coroa e a bandeira do Divino passeadas de lar em lar, aos ósculos

extáticos da multidão e moedas e cédulas que se iam amontoando nas salvas, mal as podiam apreciar, através das persianas do monastério, a cuja saleta exígua recebiam algumas freiras o farrancho” (RAMOS, 1998, p.94.)

Professor(a) divida a turma em dois grupos para realizar uma pesquisa.

- faça uma pesquisa sobre as festas existentes em seu município. Descreva-as.
- em seguida verifique as semelhanças e diferenças das festas realizadas em sua cidade com a apresentada no livro Tropas e boiadas.
- peça aos estudantes para fazer uma síntese das discussões apresentadas.

Professor (a) é importante verificar se as festas apresentadas na pesquisa apontam lembranças de cunho político, religioso, cívicas, indígenas e afro-descendentes.

- calendário na mão das festas oficiais comemoradas na sua escola. Junto com um/uma colega, fiquem atentos a este calendário e façam uma reflexão se todas as etnias de nossa sociedade estão presentes nas festividades que você conseguiu identificar. E sua localidade está bem representada? Ela deve ser incorporada nas datas e eventos escolares? Vamos fazer um novo calendário?

## **Atividade 5 - Sarau**

Professor (a) prepare seus alunos para um sarau histórico.

O Sarau é uma reunião festiva, geralmente noturna, para ouvir música, produções literárias (poesias, causos, histórias...), conversas e danças. Quase sempre é realizado em casa de particulares, onde os poetas, músicos, reúnem os amigos e conhecidos para apresentarem seus textos, músicas ou apenas conversarem.

Para realizar o sarau converse antecipadamente com os alunos para decidirem a respeito das letras das músicas locais, regionais, nacionais, das danças típicas, apresentações teatrais ou contadores de história e causos. Explique que o objetivo é apresentar aos colegas de outras turmas da escola um pouco do que aprendeu sobre as festividades de sua cidade.

Para tanto professor (a), faz-se necessário orientar bem os estudantes nesta atividade:

- planejar a data, o público que irá assistir, o local da unidade escolar;
- listar as canções, os poemas, as histórias ou causos, as danças a serem apresentados ao público.

- realizar votações para decidir a programação do sarau.
- faça uma parceria com o professor de arte, educação física, Língua Portuguesa (se tiver o professor de música e bom convidá-lo também) para a montagem do Sarau.
- apresentação do sarau.

Professor(a) marque o horário e os dias de ensaio.  
 Marcar o dia de acontecer o sarau. Fazer os convites e enviar para os pais.  
 Realizar a apresentação no sarau e depois em sala de aula realizar junto aos alunos uma avaliação do mesmo.

Professor (a)as atividades anteriores buscam mostrar a relação entre identidade e festa. A seguir abordaremos a questão da identidade a partir do texto “Documentos como elemento de cidadania”?. Nessa direção indicamos como questão para refletir sobre os documentos pessoais: a certidão de nascimento, como reconhecimento da cidadania e as formas e fontes de poder que legitimam esses registros são: a igreja e o Estado.

Este enfoque ficará mais claro a partir da leitura e análise do texto “Documento como elemento de cidadania”?

### **Documentos como elemento de cidadania?**

A certidão de nascimento é o primeiro documento que toda pessoa tem direito legal e é por meio dela que se dá o reconhecimento de nossa cidadania. É um documento que certifica o nascimento da pessoa, em registro guardado no cartório. Na certidão consta o número e a página do livro onde o registro foi assentado, a data, o local e hora do nascimento, o sexo, o nome da pessoa, o nome dos pais, do avô e da avó, e do declarante, normalmente o pai que, mediante uma declaração do hospital ou de um médico, caso o filho tenha nascido em casa, registra o filho. Com a mudança da estrutura familiar nem sempre teremos todos estes dados, pois hoje temos diferentes formas de convívio familiar.

Consta também o nome das testemunhas e a data do registro. Por fim, a assinatura do oficial responsável pelo cartório, com direito a carimbo. Tantas informações são transpostas para o papel timbrado em que se vê escrito República Federativa do Brasil, Estado tal, Município tal.

Esse é um documento que guardamos com cuidado. Serve para tudo: matrícula na escola, vacina, hospitais, etc. Por meio dele sabemos o que foi declarado sobre nossa

pessoa, pois não nos lembramos de nada disso. Aparecemos no papel com um nome que nos foi dado pelos nossos pais e com as informações por eles registradas. Enfim, é um documento no duplo sentido: garante que o que foi afirmado por mim é verdade, e documenta o ingresso da pessoa no mundo da lei. O cartório é o lugar, definido legalmente, como capaz de comprovar a fidelidade do que foi registrado. Por fim, o papel timbrado afirma: República Federativa do Brasil, depois informa o Estado e o município em que se firmou tal declaração.

Isso quer dizer que você nasceu em um lugar específico que tem o nome de Brasil, uma república federativa, e em um Estado Federado, por exemplo, Goiás. Muitas vezes temos que informar a nacionalidade (Nação) e a naturalidade (Estado) e recorreremos, então, ao que está registrado.

### **Atividade 6 – Trabalhando com o texto “Documento como elemento de cidadania”?**

Professor (a) organize os estudantes em duplas para que possam conversar a respeito das questões abaixo. Em seguida proponha que respondam no caderno as questões.

- grife as palavras desconhecidas e faça a pesquisa de seus significados no dicionário.
- qual a finalidade da certidão de nascimento?
- e quem não tem certidão?
- A certidão é uma garantia do atendimento aos direitos?
- onde definimos os direitos do cidadão?
- o que significa viver numa República Federativa?
- ser nacional, ser natural de... O que significa?
- em uma roda de conversa: discuta a percepção do cidadão como portador de direitos.

Professor (a), discutir com os alunos a situação de quem não possui certidão de nascimento, falar da **Lei N° 9.534/97** que garante a gratuidade desta. Explique o que é uma República Federativa e dê exemplos de países que possui esse modelo político. Outra sugestão para discutir a questão da cidadania é o livro *Cidadão de Papel* de G. Dimeinstein.

Professor(a) para darmos continuidade aos estudos sobre identidade, buscamos um texto jornalístico de caráter informativo para refletirmos a respeito da certidão de nascimento, enquanto elemento importante para o reconhecimento da cidadania.

Ao realizar a leitura do texto “Crianças sem certidão de nascimento em Goiás”, é importante fazer a antecipação da leitura: com base no título o que o autor quer apresentar?

## **CRIANÇAS SEM CERTIDÃO DE NASCIMENTO EM GOIÁS.**

Campanha quer atrair 11% sem registro

Érica Ferreira  
**Caderno Cidades- 18/11/2008**

Em Goiás, 119 comarcas e 258 cartórios de Registro Civil estão mobilizados na Campanha Mês pelo Registro Civil, iniciada ontem (17), no Cartório Antônio Prado, em Goiânia, com a presença do presidente do Tribunal de Justiça de Goiás (TJ-GO), desembargador José Lenar de Melo Bandeira, e o corregedor-geral da Justiça de Goiás, desembargador Floriano Gomes da Silva Filho. A campanha, que tem o objetivo de erradicar o sub-registro, foi instituída pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e, em Goiás, é coordenada pelo 2º juiz-corregedor Wilson Safatle Faiad.

Em 2005, o sub-registro estimado para Goiás foi de 14,3%, número maior que a média nacional, calculada em 11,5%, revela o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “A falta de informação sobre a gratuidade do documento é o grande fator que emperra o registro civil”, declarou o coordenador da campanha em Goiás.

Segundo o juiz-corregedor, a gratuidade do Registro Civil está garantida na Lei 9.534/97, que deu nova redação ao art. 30 da Lei de Registros Públicos (Lei 6.015/73), isentando a cobrança de taxas e emolumentos na emissão da certidão de nascimento e também na certidão de óbito.

O vendedor Geraldo Junior de Moraes, 36, foi ao cartório registrar a sua filha Gabriely Pereira de Carvalho Moraes, nascida no último dia 9. “Acho importantíssima essa campanha porque ainda existem pessoas que não sabem da gratuidade da Certidão de Nascimento e deixam de registrar suas crianças por dificuldades financeiras”, defende o vendedor.

A certidão de nascimento é o passaporte oficial para a cidadania, sem ela a pessoa não pode retirar outros documentos, não tem acesso aos programas sociais e às políticas públicas, não pode ingressar na vida escolar e ainda ficam comprometidas viagens, vacinações e assistência médica. “Além disso, a ausência do documento dificulta o levantamento de dados cadastrais de pessoas para que o governo desenvolva campanhas sociais efetivas para melhoria da qualidade de vida do brasileiro”, destaca Faiad.

O coordenador da campanha comentou que os maiores problemas relacionados à falta de registro civil em Goiás ficam no interior, como, por exemplo, Niquelândia e

Cavalcante, que possuem grande extensão territorial, com muitos povoados e zonas rurais distantes e de difícil acesso. Moraes tem um exemplo em casa. A sua mulher, Luciana Pereira de Carvalho, nascida na zona rural de Firminópolis, só foi registrada depois de muitos meses de nascida, uma vez que a localização do cartório de registros tinha localização inviável.

Dados do IBGE indicam que todos os anos cerca de 500 mil bebês permanecem sem certidão de nascimento até o primeiro ano de idade. Em 2005, o subregistro estimado para o País foi de 11,5%, o que significou aproximadamente 374.540 crianças sem a certidão de nascimento. Entre os Estados brasileiros, os percentuais mais elevados foram observados em Roraima (37,1%), no Amapá (32,1%) e no Pará (31,5%). Por outro lado, os mais baixos níveis de subregistro ocorreram no Distrito Federal (-1,8%), em São Paulo (1,8%) e no Rio Grande do Sul (3,1%), segundo o IBGE.

A campanha, que pretende erradicar 100% o subregistro, termina dia 17 de dezembro. Orientações sobre a emissão de documentos básicos como Registro Geral (RG), Cadastro de Pessoa Física (CPF) e Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) também serão repassadas à população durante a realização da campanha.

**Fonte:** Hoje - 18/11/2008

<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/conteudo.jsp?page=11&pageLink=1&conteudo=noticia/9efcefed4e8633787314b23606386415.html>. Acesso em: 27/04/2009

**Atividade 7** - Após a leitura do texto Crianças sem certidão de nascimento em Goiás.

- quais sujeitos sociais estão presentes no texto?
- quais os espaços citados no texto?
- de que trata o texto?
- você conhece alguém que não tenha registro de nascimento?
- por que o registro é importante?
- professor (a), em conjunto com o professor (a) de matemática construir um gráfico ou tabela com os dados disponíveis no texto.

Professor (a) para dar continuidade a discussão sobre documentos é necessário qualificar os vários tipos de documentos que conhecemos: documentos escritos (certidão de nascimento, de batismo, cartas e outros) e não escritos (fotografias, gravuras). Nas

sociedades ágrafas, que não usam a escrita, a história das pessoas é lembrada a partir da memória oral, sendo os mais velhos os guardiões do conhecimento sobre seus integrantes, portanto a rememoração do passado também pode documentar as vivências da comunidade. Na nossa sociedade, a escrita é uma das formas mais comuns de registro das experiências, o que nos permite preservar a memória e ajuda a construir a identidade pessoal e social. Por fim temos que deixar claro que os documentos, como fontes para a compreensão do passado, não falam por si mesmos. Interessa, portanto, quais as questões que podemos formular para o documento em busca de respostas para a compreensão da relação entre presente e passado e os procedimentos que possam garantir, de algum modo, o compromisso da história com a verdade, sem que isso implique em veto a subjetividade presente na prática historiadora.

### **Documentos: a construção do conhecimento em sala de aula**

#### **Registros sociais**

Os registros oficiais declaram apenas o que a lei exige que seja declarado. Vale a pena pensar que o Brasil, como nação, tem uma história que se iniciou com a independência em 1822: formamos um Império, havia o Rei e os súditos que eram representados pela lei. Entretanto, índios e escravos não eram considerados portadores de direitos. No século XIX, não havia um documento como a certidão de nascimento. A Igreja católica era responsável pelo registro da vida social: o batismo, o casamento e óbito.

A Igreja também se preocupava com o batismo de negros e índios, finalmente eram almas que interessavam a religião, mas não tinham direitos. Os escravos eram mercadorias vendidas em praça pública. Os mercadores, aproveitando-se das guerras tribais na África, passaram a comprar os vencidos transportando-os em massa para América. O registro da história pessoal, portanto, está relacionado com a forma como cada povo concebeu para si uma identidade e uma forma de ordenação da sociedade.

### **Atividade 8 – Trabalhando com os documentos de época**

Professor(a) divida a turma em grupo e distribua os documentos. Solicite que faça a leitura e analise os documentos, escolha um representante do grupo para anotar e depois falar sobre o mesmo para a turma.

É bom bater um papo com os estudantes a respeito da importância dos documentos para o trabalho de estudiosos em uma pesquisa histórica. É necessário verificar a autoria da fonte, as datas existentes no texto ou documento. Quem escreveu? Qual a finalidade?

- faça leitura dos documentos e anote as palavras desconhecidas.
- pesquisar o significado das palavras desconhecidas e anotar no caderno.

#### **Documento 1: Certidão de Batismo de homens livres e de escravos**

O vigário padre Manoel Ribeiro de Freitas ao primeiro de novembro de mil oitocentos e quarenta e quatro (01.11.1844), baptizei solemnemente e pus os Oleos a Maria innocente, filha legítima de Antônio de S. Anna Coelho e Maria Rosa Marques, nascida a nove de Maio do corrente, foram padrinhos Joaquim Francisco de Bessa e Anna Thereza dos Reis<sup>12</sup>.

#### **Documento 2: Certidão de Óbitos de homens livres e de escravos**

Aos 19 de outubro de 1848 faleceo Maria do Rozário viúva de Joze da Silva, de idade 54 annos, parđa livre: amortalhada em hábito branco, digo preto, recommendada e supultada nesta Matriz.

Aos 10 de novembro de 1848 faleceo Manoel filho legítimo de Antonio Lopes, e Anna Firmina, de idade de 7 annos, pardo livre, amortalhado em habito branco, recommendado, Sepultado no pateo desta Matriz; grátis.

Aos 25 de Fevereiro de 1850 faleceo Domingos Alvares de Magalhães, homem, branco, casado com Antonia Eufrazia de Oliv<sup>a</sup>., de idade de 39 annos pouco mais, ou menos, morador dentro desta Villa, onde vivia de negócio de Taverna: amortalhado em hábito preto, recommendado, sepultado dentro desta Matriz<sup>13</sup>.

O Vig<sup>a</sup>. Silvestre Alvares da Silva.

---

<sup>12</sup> Documento n. 167. Livro de Registro de Batizados de Jaraguá – 1836 a 1881. 13 B. Disponível no Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central da PUC de Goiás. Rua 233, N. 141, Setor Universitário.

<sup>13</sup> Documentos retirados do livro de Registro de Óbitos de Jaraguá de 1843 a 1860. IPHH-BC/PUC/GO.

### Documento 3: Certidão de Casamento de homens livres e de escravos

Aos nove de Maio de mil setecentos e oitenta e três (09.05.1783) nesta Matriz de Nossa do Rosário pelas nove horas do dia com Provisão do Reverendo Vigário da Vara e minha Licença na presença do Reverendo Bernardo Telles de Queiroz recebo em matrimônio por palavras de presente Pedro da Silva Moreira, natural desta freguesia, filho legítimo de João Pinto de Alvarenga e de Anna Moreira da Silva com Clara Maria natural desta mesma freguesia e filha de Anna de Carvalho e de Pay incongnito, re receberão as benções na forma de Ritual, Sendo por testemunhas presentes o Tenente João de Campos Cardozo e Simão da Costa Teixeira que este Com migo assignarão.

Aos dez, digo, aos trez de Março de mil setecentos e oitenta e três nesta Matriz de Nossa Senhora do Rosário pelas dez horas do dia na presença do Reverendo Padre Joaquim Gomes de Lima, da licença minha se recebo em Matrimônio por palavras do presente na forma de Igreja Simpliciano Criolo com Luisa crioula ambos escravos de Dona Teresa Maria de Jesus: forão testemunhas Simão da Costa, e João Luis Correa, que aqui assignarão<sup>14</sup>.

O vig<sup>a</sup>. Joze Correa Leitão.

### Cartas de Alforria

#### fol.77]

Digo eu Manoel de Souza Magalhães que entre os bens livres e desembargados de que sou legítimo senhor e possuidor, é uma escrava mestiça de nome Joanna filha de minha escrava Helena crioula, que agoconta alias tem de idade treze annos, a qual escrava Joanna, deve acompanhar-me até o dia em que eu a cazar ou fallecer, e sendo que a mesma descre[?] e tenha filhos, tanto ella como seus filhos gozarão da mesma liberdade, cuja liberdade é do dia de minha morte por diante como si de ventre livre nascesse; e não

#### [fol.78]

não poderão meus herdeiros presentes e fucturos contradizerem esta liberdade de que a faço de minha livre vontade sem constrangimento algum, e sim pelo muito amor que lhe tenho pela ter creado como filha, e alem disso me ter servido completamente; e havendo duvida

---

<sup>14</sup> Documento retirado do livro de Registro de Casamentos de Pirenópolis (1768 a 1795). IPHH-BC/PUC/GO.

sobre o ponderado recebo a dita escrava em minha terça pela quantia de cento e vinte mil reis, e declaro que presentemente o posso fazer por possuir bens aundantes que bem chegam para esta liberdade: e para titulo mandei passar a presente que pedi ao Senhor Jose Thomaz de Aquino [...]

Referência Arquivística:  
LAG/C1ºOF – Livro de Notas – Cx 1094  
03/01/1829

Eu, abaixo assignada, desejando dar uma prova de gratidão do quanto devo a minha escrava Ignacia Africana, de idade de quarenta anos, pouco mais ou menos, pela maneira de elevada fidelidade com que me tem servido até hoje, d' esta data em diante tenho resolvido, em conta de minha terça, como me faculta as Leis, conceder à referida minha escrava a sua liberdade; com a condição porém de me acompanhar até a minha, aliás, até a morte, depois da qual gosará, como se de ventre livre nascesse, da liberdade que pela presente lhe concedo de minha livre e espontanea vontade. E como não saiba ler nem escrever pede ao Senhor Ignácio de Souza Valadão este [...]

Referência Arquivística:  
MAR/C1ºOF- Livro de notas – Cx 849 - 16/06/1868<sup>15</sup>

### **Atividade - 8.1.**

Professor(a) a seguir algumas questões para trabalhar com os estudantes tendo como base os documentos, você pode acrescentar outras que achar necessário.

- a morte era seguida por determinações ordenadas por quem?
- como ocorriam as alforrias? Quais as condições impostas aos escravos para a obtenção da alforria?
- em quais documentos aparecem à alforria? Como aparece?
- como eram enterrados os mortos? Onde eram enterrados?
- você já ouviu falar em mortalha? Justifique.
- o que você mais gostou ao fazer a leitura dos documentos? Explique.
- quem eram os responsáveis, pelo registro social na época do Império em Goiás?

## **Atividade 9 – “Independência do Brasil (1822) e organização do Estado Nacional: ser brasileiro, eis a questão”.**

Professor(a) a identidade e a cidadania nacional tem origem na formação do Estado nacional. A partir da formação do Estado Nação surge com ele a idéia de uma identidade, uma nacionalidade e alguns documentos para comprovar o pertencimento de seus cidadãos. No texto a seguir abordaremos a independência do Brasil e a formação do Estado e da idéia de nação brasileira.

Oriente-os estudantes para que façam a leitura individual e silenciosa do texto “Independência do Brasil (1822) e organização do Estado Nacional: ser brasileiro, eis a questão”, e em seguida faça uma discussão coletiva. Peça para comentarem livremente o texto, usando as questões a seguir ou elaborando outras.

- apresente o título do texto e solicite aos alunos que apresente hipóteses sobre o mesmo.
- quem é o autor do texto? Você conhece?
- de que trata o texto?

### **Independência do Brasil (1822) e organização do Estado Nacional: ser brasileiro, eis a questão.**

SANDES, Noé<sup>16</sup>

A imaginação nacional organiza, portanto, uma forma de conhecimento comum a todos os brasileiros, principalmente por meio da história. Finalmente quando podemos falar do Brasil como nação? A independência, em 1822, organiza o Estado Nacional. Antes não havia propriamente brasileiros. Quem nascia na América portuguesa (Brasil) era identificado como súdito do império português, obedecia à legislação portuguesa. Mas aos poucos os portugueses, os donos de terras e de escravos, ampliaram seus negócios no Brasil a tal ponto que não fazia mais sentido retornar ao velho continente: os interesses dos portugueses residentes no Brasil e em Portugal aos poucos se tornaram distintos e até mesmo opostos. Para os que enriqueceram no Brasil importava vender seus produtos diretamente ao mundo europeu aumentando seus lucros, enquanto para os habitantes do

---

<sup>16</sup> Professor Associado da Faculdade História da UFG.

reino (Portugal) interessava o controle dos negócios comerciais da colônia, fonte de lucro da metrópole. Nesse cenário conflituoso, pode-se concluir que os brasileiros queriam ser somente brasileiros e assim estariam livres das ordens de Portugal

A independência, proclamada em 1822, é, portanto, um movimento de defesa da liberdade econômica dos grandes proprietários de terra. Não se trata propriamente de um movimento contra a metrópole, pois desde 1808 o Brasil era o centro do Império português. Nesse processo, os escravos e homens pobres livres acompanharam o desenrolar dos acontecimentos com grande expectativa, mas foram afastados do centro das decisões, excluídos da dimensão de agentes históricos.

Quem é brasileiro nesse período? Todos os portugueses livres que aderissem à nação que se formava seriam considerados brasileiros. Escravos e índios eram considerados brasileiros? Não. A enorme população de escravos e índios ficou de fora da comunidade que se formava, portanto não faziam parte do povo brasileiro.

A escravidão era considerada pela elite proprietária um mal necessário: índios e negros eram considerados inferiores, não poderiam participar da comunidade nacional que se formava. Foi necessário um longo período de lutas para que a escravidão africana se extinguisse, em 1888, e ainda hoje percebemos a desigualdade, os preconceitos e as atitudes racistas que persistem em nossa sociedade.

### **Atividade 9.1. Após a leitura do texto proponha aos estudantes:**

- grifar as palavras desconhecidas e consultar no dicionário.
- você gostou do texto, que parte achou mais importante?
- pergunte quais outros títulos possíveis?
- peça para compararem a concepção de cidadão em 1822 e hoje, fixando em um quadro as semelhanças e diferenças.
- proponha a discussão do significado de ser independente.

Professor (a) procure trabalhar a independência do Brasil como um processo que se deu ao longo de vários anos e por meio de diferentes estratégias.

## **Atividade 9.2. Produção de texto:**

Professor (a), com base no resultado das discussões orientem os estudantes para produzir um texto individual ou em dupla. Para tanto sugerimos a seguinte questão: o documento é uma identificação cidadã?

- em seguida os estudantes devem socializar o texto com os colegas, fazendo as devidas anotações.
- o texto final deve ser reescrito pela dupla, observando as anotações/observações e acréscimos feitos pelos colegas e as suas próprias conclusões.
- o professor (a) recolhera o texto para realiza as correções dos mesmos.
- após a correção do professor, se necessário for, propor uma reescrita.

## **Sistematização do conhecimento**

### ***Porque sistematizar?***

Sistematizar permite uma melhor compreensão das experiências realizadas visando aperfeiçoar a própria prática no decorrer do processo, permitindo visualizar avanços ou não, avaliando a própria prática visando a superação de repetições rotineiras de certas metodologias e a perda de perspectivas em relação ao sentido de nossa prática.

Quando se fala de *sistematização* estamos nos referindo a experiências práticas concretas, experiências vitais carregadas de uma enorme riqueza acumulada: de elementos, valores e crenças que em cada caso representam processos inéditos e irrepetíveis.

“A sistematização é um processo permanente, cumulativo, de criação de conhecimento a partir de nossa intervenção numa realidade social como um primeiro nível de teorização sobre a prática. Nesse sentido, a sistematização apresenta uma articulação entre a teoria e a prática mostrando como melhorá-la. De outro modo, enriquece, confronta e modifica o conhecimento teórico existente, contribuindo para convertê-lo em uma ferramenta realmente útil para entender e transformar a nossa realidade” (SIMON, 2008, p. 2)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> **SISTEMATIZAÇÃO DE PROCESSOS PARTICIPATIVOS E EDUCATIVOS** - Álvaro Afonso Simon<sup>1</sup>. Disponível em: [br.geocities.com/grupopeap/artigos/Simon\\_sem\\_ano\\_RAC.pdf](http://br.geocities.com/grupopeap/artigos/Simon_sem_ano_RAC.pdf). Acesso em: 15.05.09.

### **Professor (a) para a sistematização desta sequência sugerimos:**

- construção de um jornal com informes sobre as festas que se realizam em sua cidade.

### **Instruções para a construção do jornal:**

O estudante poderá aproveitar o texto escrita na atividade 10 e transformá-lo em artigo. Relacionar a festa como elemento de identidade, de construção da nação (sempre em sentido plural). Isso pode ser feito junto ao professor de Língua Portuguesa. Para trabalhar com jornal é importante discutir o que é jornal – suporte jornal (periódico, semanal, mensal). Nele comportam vários gêneros de texto. Ver site:

[http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/documentos/Biblioped/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever?CadernoOrientacaodidatica\\_historia.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/documentos/Biblioped/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever?CadernoOrientacaodidatica_historia.pdf).

- divida a turma em grupos, ou se preferir trabalhe com todos os estudantes.
- utilize o material disponível (pesquisas, textos, imagens e outras) para construir as reportagens e matérias sobre as festividades de sua cidade e ou região. Podem também construir notícias que gostariam de ler um dia. Estas podem ser ilustradas com desenhos e charges para enriquecer e complementar a produção.
- o nome do Jornal pode ser escolhido por votação.
- o jornal pode ser afixado no mural da escola e ou distribuído para outras turmas e até para a comunidade, dependendo da disponibilidade de verbas.

### **Avaliação**

Aqui a avaliação é diagnóstica, processual e contínua. É feita por meio de observação pontual nos debates, registros dos cadernos, produções coletivas. Também por meio da participação nas leituras dos textos (diferentes gêneros) individuais, coletivos: da leitura de mapas da consulta na internet, nos debates.

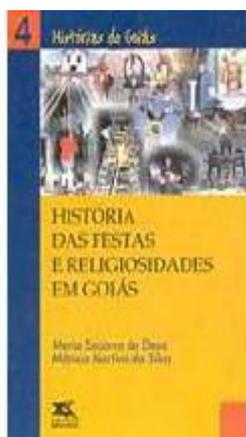
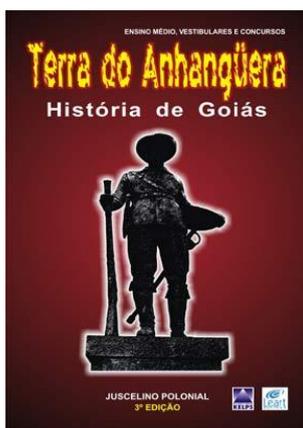
Sugerimos também um processo de autoavaliação de cada aluno: organize um roteiro para que cada um possa se autoavaliar.

Destaque a importância dos trabalhos coletivos e a postura necessária para que isso aconteça.

Sugerimos algumas considerações que o professor pode fazer: por meio das observações da leitura dos trabalhos dos estudantes:

- como os estudantes conseguiram posicionar-se na discussão coletiva?
- como os estudantes construíram o texto?
- os estudantes conseguiram interpretar os documentos (de época, canção).
- como os estudantes leram e interpretaram os textos (didáticos expositivo, reportagem)?
- como os estudantes leram e interpretaram as imagens?
- quais noções foram construídas e quais os alunos têm dificuldades?

### Sugestão de leitura para o estudante



### Sugestão para professor(a)

BURKE, Peter, *Cultura Popular na Idade Moderna*. Tradução: Denise Bottan. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ESTEVES, Ângela M. C. M. *A festa de nossa Senhora D'Abadia e sua importância sócio-cultural em Ipameri*. Goiânia: 2005. Monografia de final de curso. UCG.

NOGUEIRA, Ricardo Augusto. *O sertão na visão de Bernardo Guimarães*. Goiânia: 2005. Monografia de final de curso. UCG.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: UFG, 2002

SILVA, Mônica Martins. *A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890-1980)*. Goiânia: Agepel, 2001.  
Festas Cívicas- <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/55.pdf>

## Referências

ALMEIDA, Jaime de. *Todas as festas*. In: SWAIN, Tânia N. (org.) *História no Plural*. Brasília: UNB, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: UFG, 2004.

DEUS, Maria do Socorro. & SILVA, Mônica Martins. *História das festas e religiosidade em Goiás*. Goiânia: Alternativa, 2003.

ITANI, A. *Festas e calendários*. São Paulo: UNESP, 2003.

MEC- SECAD. *Aprender e ensinar nas festas populares*. Salto para o Futuro. Boletim 02, abril da 2007.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*. Goiânia: UFG, 1998.

SILVA, M Mônica Martins. *História, narrativas e representações na escrita do folclore em Goiás*. Fonte: <http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/MONICA%20MARTINS%20DA%20SILVA.pdf>. Acessado em 23/03/2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL  
REORIENTAÇÃO CURRICULAR NA PRÁTICA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO 9º ANO

**Terra: ocupação, propriedade, poder e resistência no Brasil Central  
(1930-1979)**

**Equipe de História:**

Amélia Cristina da Rocha Teles<sup>18</sup>

Janete Romano Fontanezi<sup>19</sup>

Márcia Aparecida Vieira Andrade<sup>20</sup>

Maria GERALDA de Almeida Moreira<sup>21</sup>

**Eixo Temático**

- Diversidade cultural; encontro e desafios;
- Terra propriedade: poder e resistência;
- Mundo dos cidadãos: lutas sociais e conquistas.

---

<sup>18</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>19</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC

<sup>20</sup> Especialista em História, Professora da SEDUC

<sup>21</sup> Mestre em História, Professora da SEDUC e da UEG.

## **Expectativa de aprendizagem da Matriz Curricular**

- Avaliar os movimentos sociais no campo e na cidade como reação ao descaso com que o Estado tratava as questões sociais.
- Identificar as ações dos movimentos sociais em favor da Reforma Agrária.
- Avaliar o alcance dos movimentos de resistência em Goiás (Trombas e Formoso; Guerrilha do Araguaia).
- Avaliar os movimentos em defesa dos direitos civis na década de 60 e nos atuais.
- Reconhecer diferentes fontes históricas: escritas, orais, iconográficas, imagéticas, materiais e eletrônicas.
- Identificar a construção de Goiânia e de Brasília como parte do processo de ocupação do centro-oeste brasileiro.

## **Material necessário e Equipamentos**

- Aparelho de som, cd, dvd, livros, folha de papel sulfite, mapas.

## **Quantidade de aulas**

Aproximadamente 14 aulas

## **1) Apresentação da proposta**

Esta sequência didática foi pensada para você, professor (a), realizar na sala de aula com estudantes do 9º ano da Rede Estadual, na implementação da Reorientação Curricular em curso no Estado de Goiás.

A sequência pretende discutir os movimentos sociais da terra e os seus sujeitos dentro da política de ocupação dos sertões através da “Marcha para Oeste”. Assim, trabalharemos com as seguintes categorias de análise: movimentos sociais; reforma agrária; latifúndio; estado; desigualdade social; propriedade; posse; ocupação; expansão agrícola; urbanização; desmatamento e cerrado procurando compreender como esse processo interfere atualmente nas relações estabelecidas entre campo e cidade.

Devido à necessidade de realizar recortes historiográficos, optamos por trabalhar com dois eventos importantes que envolvem a terra. O primeiro, uma experiência de assentamento realizado pelo Estado Novo que objetivava ocupar a região do Brasil Central e atender a uma política de segurança nacional do período de guerra e a outra o Movimento de Camponeses de Trombas e Formoso.

Tais discussões podem ajudar na compreensão dos movimentos ligados a terra e do processo de ocupação capitalista do centro oeste e sua relação com a construção das cidades e a destruição do cerrado.

## **2) Sensibilização – Roda de conversa**

Professor(a) organize os estudantes para conversarem sobre a migração, os movimentos sociais da terra e o cerrado.

Você pode usar uma pergunta norteadora (Onde você nasceu?) e em seguida expor as questões abaixo para dar continuidade à conversa. As perguntas podem ser escritas no quadro ou em tarjas de papel distribuídas aos estudantes que devem ler a pergunta que estiverem segurando e começar a falar sobre a mesma e depois passar a vez ao colega.

Professor(a) se no decorrer da conversa não surgir a migração do campo para a cidade e sua relação com a destruição do cerrado você deve falar sobre isso com os estudantes.

Movimento Sem Terra (MST) e Sem Teto: você sabe quem é considerado sem teto?  
Onde você mora tem alguém que não possui teto?

- Você nasceu na cidade em que mora? E seus pais? E seus avós? Se não nasceram sabe dizer por que vieram para cidade?
- Já ouviram falar a palavra latifúndio? Monocultura?
- Já ouviram falar em Cerrado? O que sabem sobre isso?

### **3) Diagnóstico: Trabalhando com o Filme “Cadê Profíro” de Alan Rodrigues**

Professor é bom conversar sobre a produção do filme e do assunto tratado.

O documentário é uma fonte para o estudo da história, é a representação de um fato a partir de fragmentos da realidade.

É importante, contextualizar a década de 50 em Goiás e a revolta camponesa de Trombas e Formoso. Fale um pouco sobre o líder camponês, José Porfírio de Souza.

#### **Sugestão para trabalhar com vídeo**

- Problematização/motivação

Nesse instante, pretende-se provocar no educando o interesse pelo tema, procure também propiciar ao grupo conhecimento e /ou informações sobre o conteúdo que será abordado.

#### **Exibição do filme (vídeo)**

- Assistir coletivamente o vídeo

O educando assiste à fita de vídeo que fala da temática em questão. As cenas retratam a realidade da luta social no campo levando-o a refletir sobre situações do cotidiano e as relações sociais já estudadas.

#### **Leitura de imagem e contextualização**

É o momento em que o educando estabelecerá correlações entre os conteúdos do tema abordado, as imagens veiculadas e a realidade. As imagens são uma representação.

Nesse momento, o educador tem vários propósitos:

- Aguçar o olhar do educando para uma maior exploração e compreensão das imagens e dos sons.
- Estimular a formação de um telespectador crítico.
- Levar o educando a descrever, refletir e contextualizar as imagens mostradas.
- Estimular o pensamento, a fala e o exercício da cidadania.

## Objetivo

Analisar a partir do documentário a vida cotidiana no campo e sua luta pela posse da terra em Trombas e Formoso no Estado de Goiás.

## Ficha técnica

Nome do filme documentário “Cadê Profiro?”

Gênero: \_\_\_\_\_

Tempo de duração: \_\_\_\_\_

Direção: \_\_\_\_\_

Produção: \_\_\_\_\_

Ano de lançamento: \_\_\_\_\_

Cenário: \_\_\_\_\_

Música: \_\_\_\_\_

Sinopse: \_\_\_\_\_

Professor(a), a seguir seguem sugestões para trabalhar o filme, enquanto veículo de comunicação e documento histórico, você poder acrescentar, modificar ou retirar. A partir destas questões o estudante constrói conceitos e emite opiniões.

Assistindo o vídeo	Descreva o que descobrimos sobre a questão da terra ao assistir o filme.	E o que deve ser pesquisado para melhor entender a questão da terra.
O documentário exerce bem a sua função ao trabalhar a questão da terra?		
Quais meios de transporte aparecem no documentário?		
Qual a localização geográfica de onde se passa o documentário?		
Quais os instrumentos de trabalho que aparecem no documentário? Cite-os.		
Como é retratado o meio ambiente no documentário?		
Quais os agentes sociais que são retratados no documentário? Descreva a função social e política de cada um.		

Como era o dia a dia dos homens e mulheres retratados no documentário?		
Como era vista a questão da terra quando os camponeses chegaram na região e a mesma questão no final do documentário?		
No filme aparece a figura de Getúlio Vargas e referências a Marcha para Oeste. Comente de acordo com o filme.		
Quais períodos do século XX o filme retrata? O que acontece nesses períodos?		

Professor(a) dando continuidade a discussão sobre os movimentos sociais e a terra, trabalhados no documentário “Cadê Profiro?”, a seguir sugerimos um texto para ampliar a discussão sobre o tema.

Proponha aos estudantes a construção de um texto tendo como base os dados do quadro acima. Orientem os estudantes para produzir um texto individual ou em dupla. Para tanto sugerimos a seguinte questão: movimento social da terra em Goiás ou no seu município.

#### **4) Ampliação dos Conhecimentos**

##### **Trabalhando com o texto: A Colônia Agrícola de Goiás**

- Faça leitura coletiva do texto.
- Após a leitura coletiva, converse com os estudantes sobre a temática contida no texto.
- Alguém já tinha conhecimento do assunto. Explique.
- Faça uma nova leitura do texto orientando-os a circular as palavras desconhecidas e depois procure no dicionário fazendo um glossário.

## A Colônia Agrícola Nacional de Goiás

Maria Geralda de A. Moreira<sup>22</sup>

Você já ouviu falar da CANG? Bom, a partir de agora conversaremos um pouco sobre a questão agrária começando pela Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Esta fazia parte de um projeto do Governo Vargas, que na década de 40, buscava impulsionar a ocupação da região central do país através da “Marcha para o Oeste”.

Nesse período, o mundo vivenciava a 2ª Guerra Mundial e o país preocupava-se com a questão da segurança nacional, com a ocupação dos “gerais”, assentando camponeses pobres e construindo estradas para ligar o sertão ao litoral.

O assentamento de camponeses, não seria “a torto e a direito”, mas, através das Colônias Agrícolas Nacionais. A Colônia Agrícola Nacional de Goiás foi a primeira de uma série de oito instaladas pelo Governo Federal em vários estados (Amazonas, Pará, Maranhão, Paraná, Mato Grosso (Antiga Ponta Grossa), Minas Gerais e Goiás). A terra para a instalação da CANG foi cedida por meio do Decreto nº 3704, de 04 de novembro de 1940, do Governo Estadual ao Governo Federal. Para administrar a CANG, foi nomeado o engenheiro agrônomo Bernardo Sayão Carvalho de Araújo que ficou responsável pela fase inicial do projeto, denominada de “desbravamento”. Sayão participou, pessoalmente, da escolha do local de implantação da colônia, as matas do São Patrício, região banhada por três rios: São Patrício (rio que dá nome a região), Verde e Almas e, portanto, propício para um projeto de assentamento que desenvolveria a prática da agricultura e da pecuária extensiva; da derrubada da mata, com machados e motos-serra para construir os primeiros alojamentos, para plantar as roças e construir estradas, ligando a colônia aos centros urbanos próximos.

A notícia de que o governo estava assentando trabalhadores corria de boca em boca e via ondas do rádio, chegando aos rincões deste grande Brasil. Os camponeses, sonhando com um pedaço de chão para plantar sem pagar arrendo, nem depender de patrões “rumam-se” em direção ao norte de Goiás, a pé, a cavalo, de canoa ou em “pau-de-arara”. Os trabalhadores que não conseguiram se instalar na CANG ocuparam as terras devolutas da região, terras especialmente férteis e de grande riqueza florestal, que desde os anos 20 já atraíam imigrantes.

---

<sup>22</sup> Mestre em História, professora da SEDUC e da UEG/Anápolis. Pesquisadora do Grupo de Estudos do Caribe do CNPQ.

Chegando a região do São Patrício, os camponeses se deparavam com uma lista de requisitos, nos quais teriam que se enquadrar para pleitear um lote na CANG, como: ser brasileiro, maior de 18 anos, não possuir terra, ser reconhecidamente pobre, possuir aptidões para o trabalho no campo e ser casado. Os selecionados receberiam gratuitamente os lotes de 26 a 32 hectares de terra e assistência do Estado. Os colonos não poderiam, no entanto, vender, nem desmatar toda a área recebida. As promessas do estado eram muitas, mas poucas se concretizaram levando ao insucesso, praticamente, todas as colônias. Esse descaso do estado para com as colônias é denunciado em 1951 através de um manifesto que demonstra a situação na qual se encontravam os trabalhadores da CANG.

...passamos o ano inteiro trabalhando em nossas roças debaixo do sol e da chuva, sofrendo maleita e outras doenças. Não recebemos nenhuma ajuda da administração da colônia, nem do governo... não recebemos máquinas, ferramentas, sementes, remédios, não temos crédito... agora chegou a colheita, irmãos lavradores, e muitos de nós estamos perdendo nosso arroz porque não temos dinheiro para arranjar peão<sup>23</sup>.

Os trabalhadores que não se encaixavam nas normas ou não quisessem ficar na CANG, passavam a ocupar as terras próximas ou distantes, como as da região das Trombas (atualmente municípios de Trombas e Formoso).

Devido a diversos problemas, a colônia foi extinta em 1955. Da transformação da mata tosca e fértil em espaços cultivados ou não, surgiram aglomerados urbanos que foram denominados de Ceres<sup>24</sup> (deusa da agricultura) e Rialma, situadas na região do norte de Goiás. “Embora com muitos de seus objetivos iniciais frustrados, a CANG teve um papel significativo em termos de ocupação e expansão das fronteiras agrícolas<sup>25</sup>”.

Agora que você já sabe um pouco sobre a CANG vamos localizá-la no mapa de Goiás.

Professor(a) você pode distribuir os mapas para os estudantes ou colocar em uma transparência para mostrar os espaços analisados no texto.

<sup>23</sup> Manifesto do Partido Comunista aos Camponeses da Colônia em 1951. In: PESSOA, Jadir de M. . *A igreja da denuncia e o silencio do fiel* : um estudo antropológico sobre as relações entre uma igreja católica pos-conciliar e os diferentes grupos e praticas do catolicismo popular na região de Ceres, em Goiás. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp, 1990.

<sup>24</sup> O surgimento de um núcleo urbano, a partir da sede da colônia, já era previsto no decreto de criação desta em 1941.

<sup>25</sup> REVISTA DA ACICER. *Bernardo Sayão, o homem que iniciou a história*. Edição histórica: 1999-2000. Ceres: Ano 1 nº1. Abril de 2000. p. 5

- Solicite aos estudantes para fazerem uma leitura e análise da representação cartográfica abaixo e anotar o que acharem importante.
- Peça para elaborarem uma legenda para o mapa de acordo com a leitura do texto e da análise da representação cartográfica.

Professor(a), saber ler mapas permite que os estudantes entendam diversos fatos e fenômenos que o auxiliam a compreender e atuar em uma determinada realidade. A leitura inicia com a decodificação, para isso, é necessário que o estudante:

- construa o significado das legendas que representam os dados da realidade;
- construa e interprete diferentes tipos de gráficos.
- conheça as visões oblíqua, vertical e lateral;
- construa a noção de escala compreendendo que se trata de uma relação de proporção;
- construa noções de orientação e de localização;

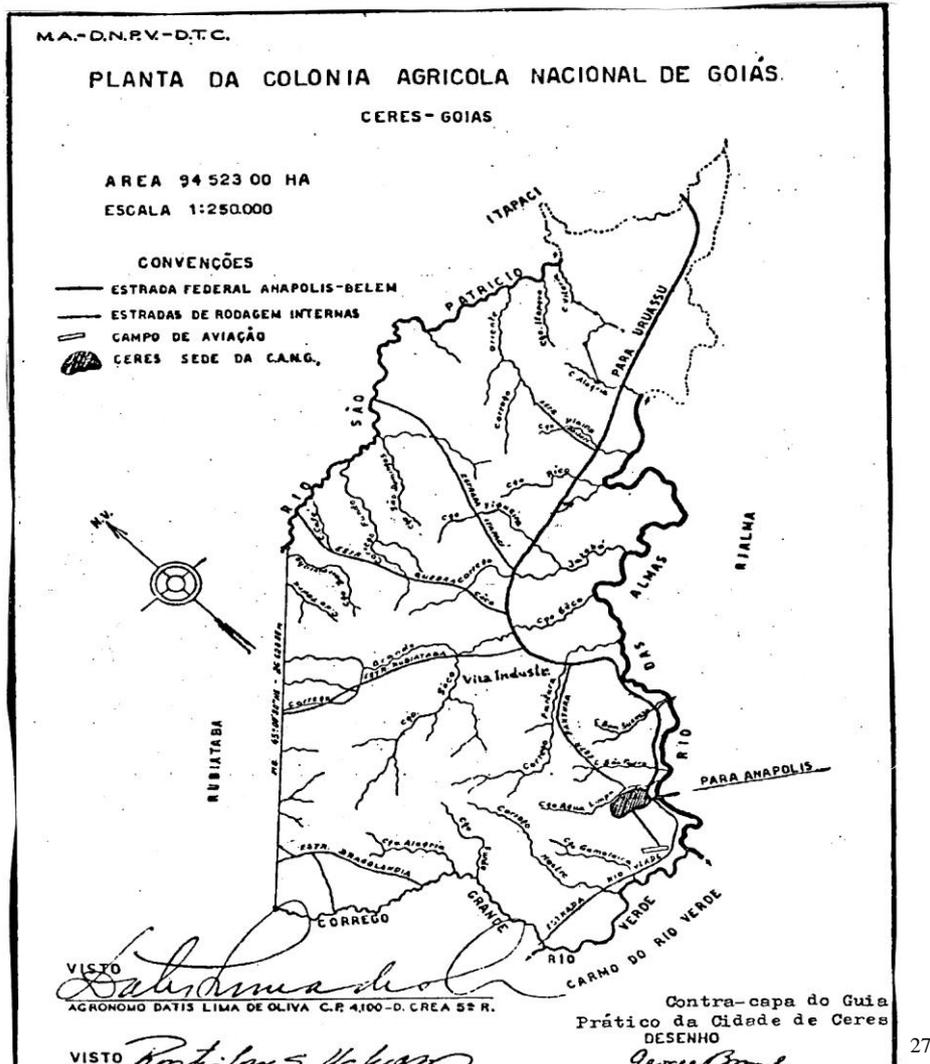
Na leitura de mapas e plantas, é importante que o aluno aprenda a interpretar as informações e a estabelecer relações. Uma das formas de ajudá-lo na construção desta competência é, por exemplo, a produção de um texto informativo a partir dos dados apresentados.

# 1- Mapa de Goiás com as cidades de Ceres, Rialma e Formoso.



<sup>26</sup> [http://www.agroecologica.tur.br/up/mapas/jat/mapa\\_goiias.jpg](http://www.agroecologica.tur.br/up/mapas/jat/mapa_goiias.jpg). Acesso em: 13.01.10

## 2- Mapa de localização da CANG (localizar as estradas, as cidades e o acampamento)



### Atividade: Leitura dos mapas

- Faça a leitura da representação cartográfica, tendo como referência o texto e o mapa 2 e anote tudo que você considerar importante no caderno.
- Com todas as informações referentes aos dois mapas, crie uma tabela retratando os pontos positivos e negativos em relação à CANG.

<sup>27</sup> In: PESSOA, Jadir de M. *A igreja da denúncia e o silêncio do fiel: um estudo antropológico sobre as relações entre uma igreja católica pos-conciliar e os diferentes grupos e práticas do catolicismo popular na região de Ceres, em Goiás.* Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp, 1990

## **Atividade de pesquisa: Marcha para Oeste**

Professor(a) organize a turma para realizarem uma pesquisa sobre a “Marcha para Oeste” na biblioteca da escola ou no laboratório de informática. Relacione a Marcha para Oeste com a ocupação da região central do Brasil no governo Vargas, em especial no Estado Novo (1937-1945). Esse movimento de abertura de novas frentes de expansão foi acompanhado de mudanças fundamentais na ordenação territorial do Estado de Goiás, com a mudança da capital da cidade de Goiás para Goiânia e com a construção de Brasília. O processo de modernização avançava da cidade para o campo, valorizando as áreas do cerrado<sup>28</sup>.

Estabeleça com eles os pontos da pesquisa, data da entrega e da socialização.

Estabeleça um paralelo entre a agricultura na época da Colônia Agrícola em Goiás, com a que hoje predomina na região, atento para a nova relação entre o espaço urbano e rural.

Faça uma relação entre a pecuária na Colônia Agrícola de Goiás e a pecuária praticada nas fazendas nos dias de hoje.

Discuta como era retratada a questão da posse da terra, tendo como base o texto.

Professor(a) agora que os estudantes já conhecem a história da CANG, você pode iniciar a discussão sobre a Revolta de Trombas e Formoso, pois o processo de migração que deu origem à comunidade que depois ocasionou a revolta teve início com a intensa migração em função das notícias de assentamento de camponeses em Goiás.

### **Leitura do texto “Escrevendo certo por linhas tortas: a revolta camponesa de Trombas e Formoso”**

Professor (a) proponha aos estudantes antes da leitura do texto, uma conversa sobre o mesmo, para despertar o interesse, aguçar a curiosidade e dependendo do caso, levantar hipóteses sobre o conteúdo; o título; se tem conhecimento do autor (a) e do texto.

Ao fazer a leitura do texto, oriente-os para que risquem as palavras desconhecidas e procurem seu significado no glossário e no dicionário.

---

<sup>28</sup> Professor(a) esse tema é abordado no texto em anexo.

## ESCREVENDO CERTO POR LINHAS TORTAS: A REVOLTA CAMPONESA DE TROMBAS E FORMOSO

Renato Dias de Souza<sup>29</sup>

Em Goiás é no campo, como em outras regiões do país, que temos as raízes das lutas sociais. Foi na beira de córregos que nossos antepassados buscavam água, lavavam suas roupas, erguiam seus ranchos e serviam-se dos recursos naturais para o atendimento das suas necessidades. Nas manhãs e tardes tinham que pegar no cabo da “sem graça”, suando no dia-a-dia para tirar da lida na terra seu sustento e as condições para criar seus filhos. Nas noites dançavam, cantavam e contavam histórias em rodas. Um tempo em que acordava-se cedo, “dormia-se com as galinhas” e muitos acreditavam ser joguetes nas mãos de Deus.

Em Trombas e Formoso, no norte de Goiás, foi em meio a essas circunstâncias que os camponeses decidiram “escrever” sua própria história e resistir à expulsão das suas “posses”. Nos deram um novo capítulo nas lutas sociais em que a posse da terra era o objetivo principal. Foram antecidos por *Canudos* (1896-1897) na Bahia, *Contestado* (1912-1916) entre Santa Catarina e Paraná, e tantos outros.

Na revolta camponesa de Trombas e Formoso entre os anos de 1950-1964 a organização do campesinato surpreendeu o país em um tempo em que se dizia: “Deus escreve certo por linhas tortas”. Porém, em condições adversas os camponeses demonstraram que são os homens e mulheres que fazem a história e a partir da vida cotidiana e dificuldades enfrentadas na roça se organizaram para a luta. Mutirões e “traições”, aspectos da cultura camponesa, foram fundamentais na construção de soluções para os problemas que enfrentavam.

Eram imigrantes que tomaram o caminho de Trombas e Formoso sonhando conquistar “terra para trabalhar”. Chegaram à região após ser explorados, expulsos de outras propriedades ou não ter encontrado lugar na Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Tinham a expectativa de não viver “mais do mesmo” e construir uma vida livre da exploração promovida pelos grandes proprietários rurais. Defenderam seu direito às “terras livres” contrariando quem pretendia cobrar-lhes o arrendo e viver do suor do camponês. Portanto não se sujeitaram a vontade dos fazendeiros que decidiram expulsá-los e com isso ter “terra para cercar” estendendo o tamanho da sua propriedade para explorar outros ou vender terras.

Estavam decididos a resistir já que haviam chegado até ali, sabiam ter direito às terras devolutas e foram atraídos pelas propagandas dos governos de Getúlio Vargas para o “povoamento” do oeste do país. O sonho de se livrar da exploração que os grandes proprietários de terras lhes impunham com a cobrança do arrendo e a expectativa de dar continuidade à existência da sua vida no campo fez com que procurassem todas as formas para se manter camponeses, o que quer dizer, ter acesso à terra, poder trabalhar com sua família, produzir para o atendimento das suas necessidades e ter autonomia para gerir seu tempo de trabalho no campo.

---

29 Historiador formado na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Em todo o Brasil, temos terras devolutas que os camponeses ocuparam, ergueram seus ranchos, começaram a cultivar e colher. Dando-lhes importância por seu valor de uso, ou seja, a possibilidade de se retirar dela o produto necessário para o atendimento das suas necessidades. Os levando-os a pegar no “pau furado” para defender a possibilidade de dar continuidade a sua existência no campo. Uma situação de conflitos em que a realização do objetivo dos camponeses entrava em contradição com os interesses dos fazendeiros que davam importância a terra por seu valor de troca, no caso, sua utilização como mercadoria que possibilitasse acumular renda e concentrar a propriedade da terra.

No primeiro momento a revolta camponesa de Trombas e Formoso é caracterizada pela *resistência espontânea contra a cobrança do arrendo e a luta pela posse da terra* (1950-1954). Tanto que José Firmino (Formoso) e José Porfírio (Trombas) foram respectivamente à Goiânia e ao Rio de Janeiro buscar garantias legais para que eles e os outros pudessem continuar nas suas posses.

Certo dia os fazendeiros tentaram obrigar Nego Carreiro a pagar o arrendo ou sair das terras. Na companhia de jagunços e da polícia militar foram até seu rancho e quando o sargento Nelson ameaçou sacar sua arma contra esse camponês ele se antecipou a ação do policial e desferiu um tiro que levou a morte do sargento. Então a luta armada se espalhou na região, motivando outros a resistir e unirem-se contra a expulsão. O episódio foi uma reação a queima de ranchos, mortes e expulsões da terra promovidas contra os camponeses. Foi a luta armada produto dessas circunstâncias “tortas” em que se encontravam e toparam o desafio de “escrever” sua história, como escrevemos a nossa dia-a-dia.

Juntaram-se a esses camponeses membros do Partido Comunista Brasileiro; João Soares, Geraldo Marques, José Ribeiro e Dirce Machado. Participaram da criação dos Conselhos de Córregos, da Associação de Lavradores, a mobilização da imprensa e outros recursos que lhes possibilitassem permanecer na terra. O segundo momento (1954-1958) se iniciou com a *atuação do Partido Comunista Brasileiro na revolta armada iniciada pelos camponeses contra os fazendeiros*. Nesse período ocorreu a Batalha do Tataíra, uma tentativa de invasão da polícia e dos jagunços na região, que pretendia expulsar os camponeses. Porém, esses saíram vencedores e se espalhou a notícia de que estavam organizados e não pretendiam abandonar suas posses.

Apesar de ter havido momentos de tréguas a situação ficava insuportável nos períodos das colheitas quando os fazendeiros, grileiros, procuravam tomar dos camponeses sua produção. Foi sua teimosia em não abandonar a terra fundamental para em um terceiro momento exercerem *o governo da região através da Associação de Lavradores e dos Conselhos de Córregos*. Quando tomavam as decisões políticas acerca dos caminhos para atender suas necessidades na vida cotidiana no território que conquistaram. Esse período ficou conhecido como a *“república camponesa de Formoso e Trombas”* e durou aproximadamente de 1958-1964. Representou a vitória sobre esses grandes proprietários rurais de Porangatu, Uruaçu, e advogados que tomavam parte na trama contra os camponeses.

No período em que governaram a região também ocorreram conflitos entre os Camponeses e o Partido Comunista Brasileiro. Houve aqueles que com a garantia da propriedade da terra após a luta armada passaram a agir como fazendeiros que buscavam

“terra para cercar”. Cooperativas, exploração do trabalho de outros, produzir para atender os interesses do mercado, ter mais terras e a aproximação com o governo Mauro Borges (1961-1964) que reprimiu violentamente a luta de outros camponeses pela posse da terra, são alguns exemplos das mudanças pelas quais passou Trombas e Formoso. Foram colocadas em segundo plano as práticas de participação direta nas decisões sobre a vida social desenvolvida pelos Conselhos de Córregos e a Associação de Lavradores. Contribuindo na derrota definitiva do campesinato de Trombas e Formoso que foi complementada pela vitória do autoritarismo militar com o golpe de 1964. Levando a expulsão de camponeses e um novo momento de concentração da terra nas mãos de grandes proprietários.

### **Fica ligado, Uai ! (glossário)**

**Arrendo:** parte da produção, um aluguel, cobrado pelo suposto proprietário da terra para que outro possa utilizá-la.

**Dormir com as galinhas:** dormir cedo, poucas horas após o pôr do sol.

**Grileiro:** falsificador que procura se tornar dono de terras através de documentos falsos ou com isso busca favorecer a outros.

**Joguetes:** instrumentos manipulados e para o divertimento de quem o manipula.

**Mutirões:** ocasião em que se reuniam vários camponeses para ajudar o vizinho na lida diária da roça. Depois de trabalhar juntos durante todo o dia geralmente faziam festas e comemoravam.

**Pau furado:** apelido dado a armas como as carabinas, por exemplo.

**Posse:** o direito de propriedade ou a faixa de terra que se é proprietário e que tinha como função produzir para o atendimento das necessidades da família camponesa.

**Sem graça:** apelido dado à enxada.

**Terras livres:** terra vaga, desabitada, desocupada, improdutiva e o mesmo que terras devolutas.

**Traição:** espécie de mutirão que se diferenciava pelo segredo que envolvia sua preparação e a surpresa que provocava em quem recebia o auxílio dos demais camponeses. Só se descobria a “armação” quando sua casa se enchia de vizinhos que chegavam para trabalhar e ajudar nas tarefas da roça o camponês que precisava.

### **Após a leitura do texto:**

Professor(a) é importante você usar o livro didático para contextualizar a Era Vargas, Partido Comunista Brasileiro. Explique aos estudantes o significado histórico da cooperativa.
--

Professor (a), após a leitura ajude os estudantes:

- fazer uma tabela com os sujeitos históricos e sociais presentes no texto e analisar de cada um.
- fazer um desenho representando as marcações de tempo presentes no texto.
- identificar e registrar quais são os espaços citados no texto? Localize-os em um mapa.
- descrever como era a vida cotidiana no campo de acordo com o texto e procure verificar se existe relação com o cotidiano do homem do campo hoje.
- de que trata o texto?
- identificar quais informações históricas podemos colher do texto?
- outros títulos possíveis.

Além dessas atividades você pode elaborar outras que achar necessário. Depois solicite aos alunos uma produção de texto que pode ser em dupla ou trio utilizando o material estudado (filmes, textos, pesquisas). Lembre aos estudantes os passos necessários para a produção de um texto presente na atividade do diagnóstico.

### **Atividade de pesquisa: Movimentos Sociais**

Atividade de pesquisa em dupla ou trio: pesquisar os movimentos sociais que envolvem a terra e o meio ambiente na sua região e suas propostas.

Professor(a) se você já tiver conhecimento dos movimentos existentes em sua região, você pode estipular um movimento para cada grupo ou um para cada dois grupos.

Decida com os estudantes o período para realização da pesquisa, as fontes (pesquisa oral, na biblioteca da escola, no laboratório da informática, em arquivos da cidade e outras) e a forma de registro da mesma.

Depois de realizada a pesquisa socializar os resultados com a turma.

Faça com eles um cartaz com as idéias principais do texto, a partir das quais eles escreveriam a história de Trombas e Formoso.

Professor(a), dando continuidade a nossa discussão, a partir de agora buscaremos relacionar a ocupação do sertão goiano com o processo cada vez mais intenso de destruição do bioma Cerrado, principalmente pelas atividades de pecuária e agricultura. Assim, o texto que segue é um subsídio para você fazer a ligação entre os temas discutidos com seus alunos de forma mais prática.

## **A ocupação do Cerrado e a sua transformação por meio das ações humanas**

A ocupação do interior fazia parte dos planos de Vargas e foi efetivada através da “Marcha para Oeste” com a criação das Colônias Agrícolas Nacionais. A Colônia Agrícola Nacional de Goiás intensificou o processo de migração para o Estado. Bernardo Sayão, administrador da CANG, empenhou em construir estradas que possibilitassem o escoamento da produção para regiões próximas, assim estendeu a estrada que ligava Anápolis a Jaraguá até a cidade de Uruaçu, dando início à Belém-Brasília, na época denominada de “a federal”.

A ocupação capitalista da região ganhou mais força com a construção de Goiânia e Brasília, pois junto a elas chegaram melhorias na infra-estrutura que possibilitaram a intensificação das atividades agropecuárias na região do Cerrado. Assim, o sertão goiano que era visto até então como local de atraso, do desconhecido, selvagem, passou a ser valorizado, suas terras, a maioria até então devolutas, tornaram-se objetos de desejo devido ao seu valor de mercado, gerando conflitos como o de Trombas e Formoso.

A mudança na forma de representar esse sertão, através das propagandas do Estado, da construção de cidades e rodovias impulsionou o desenvolvimento da região. Por outro lado, as atividades desenvolvidas, tornaram-se cada vez mais nocivas ao meio ambiente, levando em poucas décadas a alteração de 40% do seu ambiente natural, o Cerrado.

Segundo os dados do Ministério do Meio Ambiente, divulgado em 2007, com base em análises de imagens do satélite Landsat, de 2002, aproximadamente, 39,5% da área do bioma Cerrado já tinham sido convertidos em diferentes formas de uso. As pastagens cultivadas e a agricultura ocupavam, em 2002, 26,5% e 10% do Cerrado, respectivamente<sup>30</sup>.

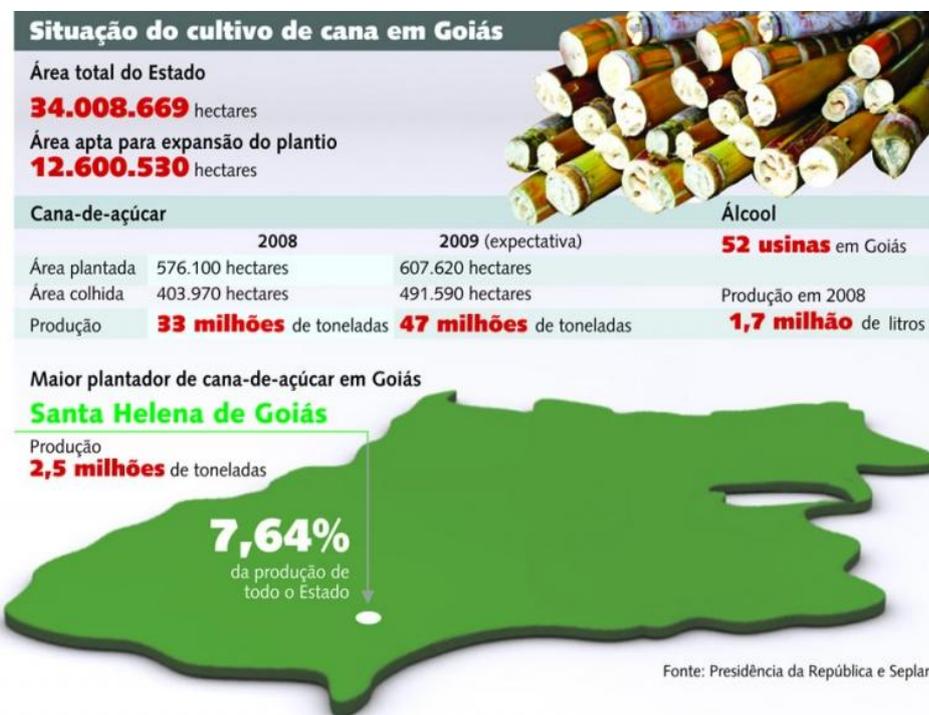
De acordo com o “relatório "Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro", lançado pela ONG Conservação Internacional em julho de 2004, o total de soja plantada no Cerrado subiu de 45 mil quilômetros quadrados, em 1995, para 100 mil km<sup>2</sup> em 2002. A área corresponde ao território do estado de Pernambuco, e significa 5% da área total do Cerrado, que abrange 2 milhões de km<sup>2</sup><sup>31</sup>. Atualmente, temos além da soja, da pecuária a

---

<sup>30</sup> Dados disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2009/02/16/cerrado-a-busca-por-numeros-da-devastacao-artigo-de-cristina-caldas/>. Acesso em: 30.12.09.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.reporterbrasil.com.br/imprimir.php?escravo=1&id=688>. Acesso em: 30.12.09.

intensificação do cultivo da cana-de-açúcar para fabricação do biodiesel e a micro-região de Ceres destaca-se por possuir 12, das 21 usinas instaladas em Goiás<sup>32</sup>.



Diário da Manhã <sup>33</sup>

## Referências

JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ. “Proibido plantio da cana em 81% do País”.

Disponível em: [http://www.dm.com.br/materias/show/t/proibido\\_plantio\\_da\\_cana\\_em\\_81\\_do\\_pas](http://www.dm.com.br/materias/show/t/proibido_plantio_da_cana_em_81_do_pas). Acesso em: 30.12.09.

PESSOA, Jadir de M. *A igreja da denuncia e o silencio do fiel* : um estudo antropológico sobre as relações entre uma igreja católica pos-conciliar e os diferentes grupos e praticas do catolicismo popular na região de Ceres, em Goiás. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp, 1990

REVISTA DA ACICER. *Bernardo Sayão, o homem que iniciou a história*. Edição histórica: 1999-2000. Ceres: Ano 1 n°1. Abril de 2000. p. 5

Professor(a), você pode utilizar os dados acima para analisar com os estudantes o aumento da área cultivada, buscando relacionar as atividades anteriores com as seguintes.

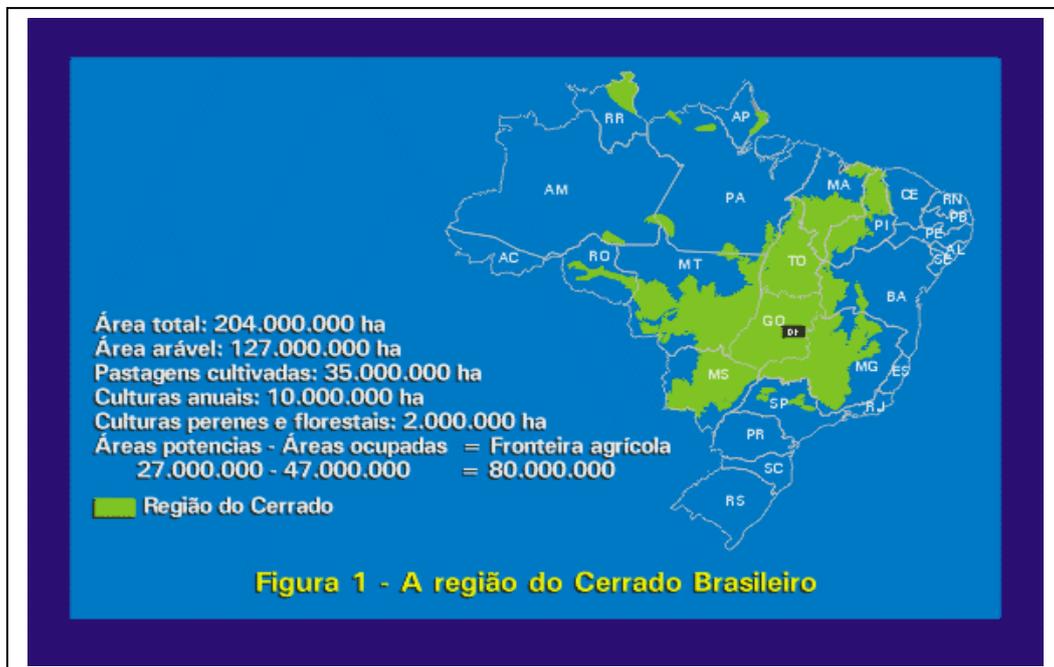
<sup>32</sup> Dado apresentado no fórum de ciências e tecnologias no cerrado. Disponível em: TV- web Aduf.

<sup>33</sup> A reportagem completa cujo título é “Proibido plantio da cana em 81% do País” pode ser encontrada no sit: [http://www.dm.com.br/materias/show/t/proibido\\_plantio\\_da\\_cana\\_em\\_81\\_do\\_pas](http://www.dm.com.br/materias/show/t/proibido_plantio_da_cana_em_81_do_pas). Acesso em: 30.12.09.

## Atividade: Ocupação e desmatamento do cerrado.

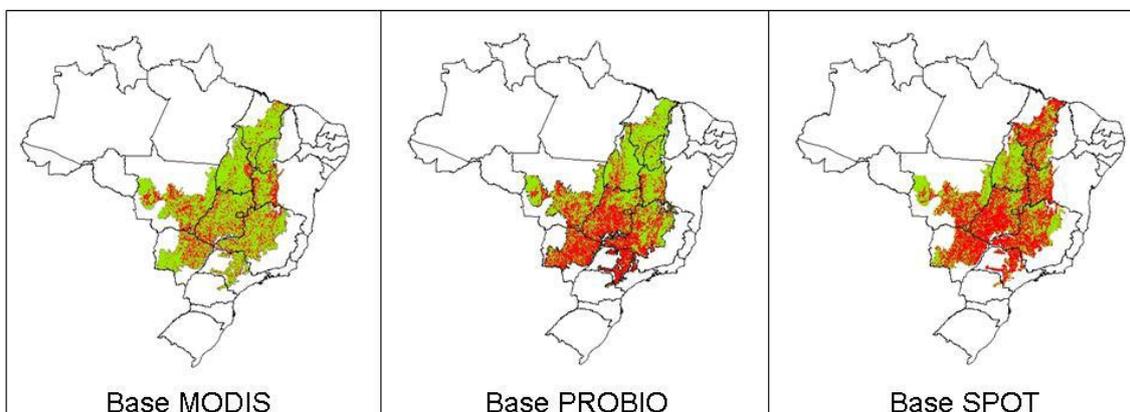
1. Que atividades humanas tem destruindo o bioma **Cerrado** no estado de Goiás?
2. Como preservar o bioma cerrado?
3. De acordo com seus conhecimentos, descreva com o maior número de detalhes possíveis, a fisionomia da vegetação que constitui o cerrado.
4. Explique como são os troncos das árvores, as folhas e os frutos. Cite também que formas de vida (árvores, arbustos, ervas e lianas) existem no cerrado.
5. Cite animais encontrados em áreas de cerrado.
6. Cite exemplares de plantas característicos do cerrado.
7. As queimadas empobrecem o solo?
8. O que acontece com a vegetação durante as queimadas?
9. Qual o manejo ideal do fogo em uma área do cerrado?
10. Com a modernização da agricultura, o que ocorre com o bioma cerrado?

## Sequência de mapas do cerrado em vários tempos.



Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 3877-3883.

## A destruição do bioma Cerrado em três momentos



FERREIRA, Manuel Eduardo. Et all. *Desmatamentos no bioma Cerrado: uma análise temporal (2001-2005) com base nos dados MODIS - MOD13Q1*. In: <http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.15.21.21/doc/3877-3883.pdf>. Acesso em: 12.01.10.

Professor(a) os mapas acima representam a destruição do bioma Cerrado em três momentos diferentes que possibilitam a análise temporal dos desmatamentos deste. A cor verde indica os remanescentes de Cerrado; a cor vermelha indica áreas de agricultura, pastagem e outras formas de uso.

### Atividade 1

Professor(a), realize está atividade em trio. Oriente-os estudantes para que discutam cada uma, tendo como base os mapas acima e em seguida anote no caderno as considerações.

- Identifique o título do mapa e explique-o.
- As informações representadas nos diferentes mapas são sempre as mesmas? Quais?
- Observar os três mapas de diferentes períodos, e dizer quais mudanças que ocorreram?

### Atividade 2

Professor(a) esta atividade você pode utilizar como uma atividade diversificada para atender os estudantes com uma aprendizagem mais avançada.

- Organizar os alunos em grupos.
- Estudante, pesquisar em revistas, jornais, livros didáticos, Almanaque Socioambiental, Atlas Geográfico Escolar – IBGE, sobre as diversas fitofisionomias constituintes do cerrado e a sua degradação.

Pesquisa site IBGE- [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

1. Para abordar os aspectos gerais do Bioma Cerrado:
  - a) Os estudantes deverão confeccionar dois cartazes, sendo que um vai ilustrar as diversas fitofisionomias constituintes do Cerrado e outro exemplificando a atual situação do referente Bioma, por meio de uma comparação entre o seu estado original e o que ele é atualmente;
  - b) Os estudantes em grupos, com base na pesquisa realizada, vão elaborar um relatório, um texto argumentativo ou informativo e socializar com a turma.

## 5) Sistematização

Professor(a) após a leitura dos textos, das discussões, dos trabalhos realizados em sala e fora dela, a proposta é organizar um “júri simulado” em torno da questão da terra no Brasil Central.

Definir com os estudantes o que deve ser julgado. É importante que o professor(a) coloque as propostas.

Uma vez definido o que será julgado, os estudantes deve ser distribuídos em 3 grupos: acusação, defesa e júri. A sugestão é que se discuta a questão da propriedade da terra. O grupo de acusação pode voltar-se contra os movimentos sociais com base na exigência de cumprimento da lei e da defesa da propriedade privada, o segundo grupo pode defender a ação política dos sujeitos sociais envolvidos na luta pela terra em Trombas e Formoso e, finalmente, o júri, deve manifestar-se por escrito definindo a solução do problema e as possibilidades de indenização ou penas. Seria interessante consultar o que a Constituição define acerca da propriedade da terra.

- Os estudantes devem buscar na História os argumentos para defender suas idéias, principalmente na CANG e no Movimento de Trombas e Formoso.
- Se for necessário, nessa etapa, os estudantes podem retomar a leitura dos textos para fundamentar a argumentação sobre a questão da terra e da desigualdade social no país.
- O fundamental não é o veredicto, mas a argumentação. Nesse trabalho, podem ser lembradas a força das palavras e a beleza que pode conter um discurso argumentativo.
- O professor(a) precisa ter todo um cuidado, ao abordar esta temática, pois ela remete à vida de pessoas do campo que luta por seus direitos e deveres em um mundo marcado pelas desigualdades.

- Professor (a), seu acompanhamento no planejamento da atividade, na construção e organização dos argumentos é de fundamental importância para o sucesso da atividade. É necessário também observar as características da turma, da escola, de forma a permitir um debate que pense essas questões. A atividade pode ser apresentada para outra turma.

## **Participantes:**

**Juiz:** dirige e coordena as intervenções e o andamento do júri.

**Jurados:** ouvirão todo o processo e no final das exposições, declaram o vencedor, estabelecendo a pena ou indenização a se cumprir.

**Advogados de defesa:** defendem o “réu” (ou assunto) e respondem às acusações feitas pelos promotores.

**Promotores (advogados de acusação):** devem acusar o “réu” (ou assunto), a fim de condená-lo.

**Testemunhas:** falam a favor ou contra o acusado, pondo em evidência as contradições e argumentando junto com os promotores ou advogados de defesa.

## **Descrição da dinâmica:**

1. Dividem os participantes em dois grupos. Grupos - todos os participantes (exceto o juiz e os jurados) podem ser testemunhas.

2. Os promotores devem acusar o latifúndio<sup>34</sup>, a partir da realidade concreta da comunidade/bairro - município. Definir o latifúndio como causa do desemprego, da fome, da violência e da miséria em que vive a maioria da população.

3. Os advogados defendem o latifúndio. Este representa o respeito às liberdades individuais, ao patrimônio e ao sujeito.

4. As testemunhas devem colaborar nas discussões, havendo um revezamento entre a acusação e a defesa, sendo que os advogados podem interrogar a testemunha “adversária”.

5. Terminado o tempo das discussões e argumentações dos dois lados, os jurados devem decidir sobre a sentença. Cada jurado deve argumentar, justificando sua decisão.

6. Avaliação e comentários de todos sobre o assunto discutido.

\*Obs.: é importante fixar o tema, bem como os fatos que serão matérias do julgamento. Para isso poderá haver uma combinação anterior com todas as partes, preparando com antecedência, os argumentos a serem apresentados.

---

<sup>34</sup> Professor(a) este é apenas uma sugestão, você pode discutir e definir com os estudantes outros elementos a serem julgados, o movimento social analisado, ou mesmo um que tenha ocorrido na sua região.

## **Atividade de produção de texto: Artigo de opinião**

Professor(a) após o Júri Simulado proponha aos estudantes a construção de um artigo de opinião em dupla, trio ou individual. Para tanto é necessário utilizar todo material (textos, pesquisas, mapa, filme). Faça um esquema com os estudantes. Pode-se partir da seguinte indagação: como é tratada a questão da terra no Estado de Goiás ou em seu município?

O *artigo de opinião* é um texto em que o autor expõe seu posicionamento diante de algum tema atual e de interesse de muitos. Neste o autor deve; identificar, analisar e apresentar a questão polêmica e posicionar-se a respeito desta defendendo um ponto de vista com argumentos convincentes. É preciso deixar clara a posição assumida, buscar informações sobre o tema. É importante trazer para o texto outras opiniões, valorizando-as ou questionando-as.

O artigo deve ser socializado por meio de um varal ou no mural da escola.

### **6) Avaliação**

Importante avaliar os conceitos e habilidades desenvolvidas: movimentos sociais; reforma agrária; latifúndio; estado; desigualdade social; propriedade; posse; ocupação; expansão agrícola; urbanização; desmatamento; cerrado;

Habilidades: **leituras:** de texto verbal escrito – expositivo didático, historiográfico; mapa; pesquisa: entrevista; bibliográfica e internet.

**Produção de texto-** verbal, escrito e elaboração de cartazes.

**Produção oral:** debate; argumento; questionamentos; participação no júri.

**Levantamento de hipótese:** “conhecimento prévio”.

Em toda atividade é realizada sistematização parcial.

### **Sugestões de Filmes:**

**Título Original:** O Anel de Tucum

**Gênero:** Nacional

**Duração:**

**País:** Bra

**Ano:** 1994

**Direção:** Conrado Berning

**Distribuição:** Verbo

**Título Original:** Terra para Rose.

**Gênero:** Nacional

**Duração:** 84min

**País:** Bra

**Ano:** 1987

**Direção:** Tetê Moraes

**Distribuição:**

**Título Original:** Sonho de Rose – 10 anos depois.

**Gênero:** Nacional

**Duração:**

**País:** Bra

**Ano:** 2000

**Direção:** Tetê Moraes

**Distribuição:**

### **Sugestões de leitura para o professor (a)**

ANDRADE, Nair L. de. *História e histórias da CANG* (meu rincão por adoção).

FERNANDES, Bernardo M. STEDILE, João P. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

PESSOA, Jadir de M. *A igreja da denuncia e o silencio do fiel: um estudo antropologico sobre as relações entre uma igreja catolica pos-conciliar e os diferentes grupos e praticas do catolicismo popular na região de Ceres, em Goiás*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp, 1990. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000028649>. Acesso em: 16.11.09.

REVISTA DA ACICER. *Bernardo Sayão, o homem que iniciou a história*. Edição histórica: 1999-2000. Ceres: Ano 1 nº1. Abril de 2000.

SANTOS, José Alves dos. *As aventuras do Dr. Bernardo Sayão na construção da Belém-Brasília*.

SAYÃO, Léa. *Meu pai, Bernardo Sayão*. Brasília: Editora do Senado Federal, 1994.

## ANEXO PARA O PROFESSOR E A PROFESSORA DE HISTÓRIA

Professor (a), este texto foi elaborado objetivando contribuir com a sua prática pedagógica cotidiana. Ele aborda a questão da **terra** pelo viés urbano. Não aprofunda a questão da luta pela posse urbana, pelo direito a moradia, condição fundamental para a cidadania, deixando esta questão para que você a amplie de acordo com a sua realidade.

O texto enfatiza a questão da ocupação da terra no centro geográfico do Brasil, no processo da Marcha para Oeste, com o planejamento, construção e consolidação de duas cidades capitais do século vinte: Goiânia e Brasília. Estas cidades são estudadas como protagonistas da História, pois, segundo Lepetit (2001), desde a década de 1970, a cidade vem deixando de ser palco e cenário da História para ocupar o papel de protagonista.

Como é do seu conhecimento, é muito importante para o/a estudante compreender que o fato histórico é o resultado da atividade historiadora. Os acontecimentos não são históricos em si, mas tornam-se históricos pela ação e reflexão coletiva, portanto não podem ser pensados isoladamente. Os fatos históricos são o resultado da ação e da reflexão dos homens situados em um lugar (ideológico, político, social) que influencia o processo de reflexão histórica.

Desta forma, o estudo histórico das cidades capitais planejadas no Brasil no século vinte, é fonte para entendermos a ocupação da região central do país no processo de avanço das forças capitalistas, a Modernização e na Modernidade expressa na Forma Urbana de Goiânia e Brasília.

O estudo contribui também para que os/as jovens olhem para suas cidades com o olhar histórico, pois é da competência da História registrar o processo de construção/desconstrução destas.

Desta forma, o/a convidamos, para revisitarmos o processo histórico de Goiânia e Brasília, cidades capitais do Sertão, hoje Cerrado brasileiro, pois, assim como os guias turísticos apresentam a cidade para o visitante, nós historiadores somos os guias do TEMPO nos estudos urbanos, e como todo guia, precisamos de mapas. Portanto, iniciamos a leitura do texto por intermédio de dois mapas que apontam a direção das cidades capitais mencionadas. Sugerimos que você os “leia” como documentos históricos, com as marcas do seu tempo.

Mas, antes vamos visitar sucintamente dois conceitos fundamentais para compreendermos o processo histórico de ocupação da região central do Brasil e da valorização acelerada da terra urbana: Modernização e Modernidade.

## **Modernização e Modernidade: teoria e prática no Brasil Central**

No Estado de Goiás, na década de trinta do século vinte, o grupo político denominado de mudancista, precisava convencer a sociedade goiana e a brasileira, de que era uma boa idéia a criação e transferência da Capital do Estado para uma região central. Na década de cinquenta deste mesmo século, o grupo que apoiava Juscelino Kubitschek, também precisava convencer o povo brasileiro de que era importante para o país, a criação e transferência da Capital Federal do litoral para o centro do Brasil. Assim, para enfatizarem seus argumentos, ambos utilizavam as idéias de Modernização e Modernidade.

Vamos refletir um pouco sobre a importância destes conceitos para a História do Brasil Central?

**Modernização** é o processo de avanço das forças capitalistas sobre uma região considerada atrasada. Esse atraso está relacionado com as atividades econômicas praticadas neste espaço, geralmente uma agricultura e pecuária de subsistência e com pouca expressão comercial. Interessa, sobretudo, entender que a relação entre modernização e a criação de uma estrutura econômica é capaz de dinamizar a economia produzindo fluxos econômicos orientados para a reprodução do sistema capitalista. Atraso, portanto, significa a permanência de espaços econômicos regidos por outra lógica distinta da acumulação capitalista.

Modernizar também exige a formação de uma mentalidade distinta, aberta aos mecanismos definidores da lógica do capital. A idéia de progresso, contraposta a de atraso, permite a defesa de medidas voltadas à aplicação de tecnologia e, principalmente, de uma rede de transportes que viabilize a comercialização dos produtos produzidos nesse espaço e concretize a localização, ponto de chegada e de partida, de viabilização econômica e comercial.

A modernização tem o sentido funcional, de resultados. Ao se implantar a modernização, as relações capitalistas são aprofundadas e a divisão entre ricos e pobres, os que possuem bens e os despossuídos é acirrada. Com a transformação da terra em mercadoria cobiçada, a luta pela mesma torna-se mais intensa.

Em Goiânia e Brasília, a Modernização esteve, e está, presente no processo de ocupação da terra. Na transformação desta de “espaço vazio” para espaço urbano valorizado rápida e intensamente, seja pela implantação de uma infra-estrutura promovida pelo Estado, ou pela migração para esta região.

Os cartazes publicitários a seguir, elaborados pelos grupos mudancistas, demonstram a expectativa de ocupação da região central e do sistema capitalista. Ambos conclamavam as pessoas a construir seus sonhos em cidades capitais em construção. O primeiro exaltava a possibilidade do enriquecimento rápido pela compra de lotes urbanos e a certeza da sua valorização e o segundo, o enriquecimento pelo trabalho. Ambos retratam a questão da terra.



Primeiro [Cartaz](#) Publicitário: anuncia a venda de lotes em [Goiânia](#), à época da construção da cidade.

[www.a-enciclopedia-livre.info/title=Goiás](http://www.a-enciclopedia-livre.info/title=Goiás)



Segundo Cartaz Publicitário: anuncia a possibilidade da ascensão econômica e social que a futura capital propiciava a quem aceitasse o convite.

Fonte: [www.CPDOC.FGV](http://www.CPDOC.FGV).

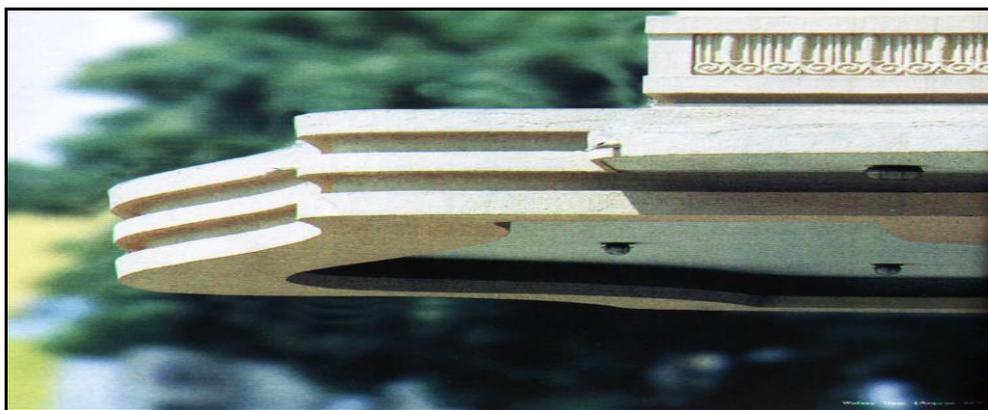
**Modernidade** é tema amplo, profundo e polêmico. É uma mudança lenta e irreversível na mentalidade Ocidental, colocando esta como um modelo universal, quando utilizada em comparação a distintas culturas. A própria expressão pós-modernidade, aplicada aos estudos das cidades latino-americanas, gera muito debate e conflito. Portanto, não vamos adentrar na especificidade dessa expressão e de suas representações. Como este estudo é urbano, vamos apenas apresentar como ela está expressa na Forma das duas cidades capitais estudadas, pois, a cidade, a partir do final do século XIX e início do XX, passou a ser a vitrine desta mentalidade, por meio do Urbanismo e da Arquitetura.

Em Goiânia, a Modernidade está associada à mentalidade representada pelo planejamento, pela metodologia utilizada na sua concepção e implantação, arquitetonicamente expressa no estilo *Art Déco* e urbanisticamente na funcionalidade, zoneamento, na facilidade de circulação e integração das partes ao todo urbano.

*Art Déco* é uma expressão francesa referente à arte decorativa e a um estilo que rapidamente se tornou modismo internacional. Associa sua imagem a tudo que se define como moderno, industrial, cosmopolita e exótico. Por estar ligado à vida cotidiana – objeto, mobiliários, tecidos, vitrais, painéis pintados – associa-se à Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo, Arquitetura de Interiores, *Design*, Cenografia, Publicidade, Artes Gráficas, Caricatura, Moda e Vestuário. Teve sua origem em Paris, com a grande mostra *Expositon Universelle des Arts Décoratifs*, em 1925. (Agenda Cultural Santa Dica, Maio de 2004, nº 22, não numerada, da Secretaria Municipal de Cultura).

Em Brasília, a Modernidade também está associada a criação, implantação e manutenção de um Plano Urbanístico considerado pelos especialistas como simples e moderno e a uma arquitetura exuberante, funcional e moderna nos traços e na composição do conjunto. Referente aos Planos Urbanísticos de Goiânia e Brasília e seus autores, estes serão mencionados posteriormente.

As imagens a seguir demonstram a presença da Modernidade nas duas cidades capitais, por meio da Arquitetura.



**Primeira imagem - Art Déco. Autor: Wolney Unes. Déc. 19--. Goiânia. Dossiê de Tombamento Art Déco Goiânia Acervo pessoal.**

Goiânia é considerada a capital da *Art Déco*. Seu acervo arquitetônico e urbanístico é o mais significativo conjunto do País. Ele foi construído nas décadas de 1940 e 1950 e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em novembro de 2003. Estão incluídos 22 prédios e monumentos públicos, o centro original de Goiânia e

o núcleo pioneiro de Campinas, localidade que deu origem à capital goiana e que hoje é um bairro.

Na nova capital do Brasil – Brasília, inaugurada em 1960, o Poder Legislativo ganhou uma nova sede: O Palácio do Congresso Nacional. O autor do projeto, Oscar Niemeyer, assim definiu sua concepção arquitetônica para a obra:

"Arquitetura não constitui uma simples questão de engenharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia". No Palácio do Congresso, por exemplo, a composição se formulou em função desse critério, das conveniências da arquitetura e do urbanismo, dos volumes, dos espaços livres, da oportunidade visual e das perspectivas e, especialmente, da intenção de lhe dar o caráter de monumentalidade, com a simplificação de seus elementos e a adoção de formas puras e geométricas. Daí decorreu todo o projeto do Palácio e o aproveitamento da conformação local, de maneira a criar no nível das avenidas que o ladeiam uma monumental esplanada e sobre ela fixar as cúpulas que deviam hierarquicamente caracterizá-lo.

Oscar Niemeyer

[www.camara.gov.br/internet/infDoc/.../congresso.htm](http://www.camara.gov.br/internet/infDoc/.../congresso.htm), acessado em 26/11/2009



Segunda imagem: visão atual do Congresso Nacional.  
[www.observatoriodeseguranca.org/seguranca/leis](http://www.observatoriodeseguranca.org/seguranca/leis), acessado em 26/11/2009

## CENTRO DO BRASIL: Goiânia e Brasília, cidades capitais do Sertão

Janete Romano Fontanezi<sup>35</sup>

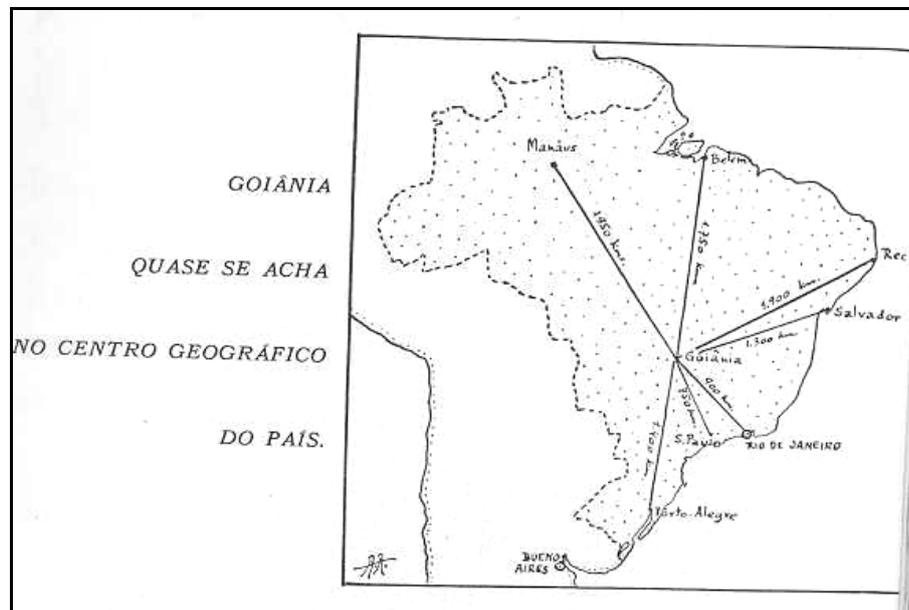


Fig. 1 Mapa do Brasil. Destaque para a localização central de Goiânia. Déc.1940. Goiânia. IBGE

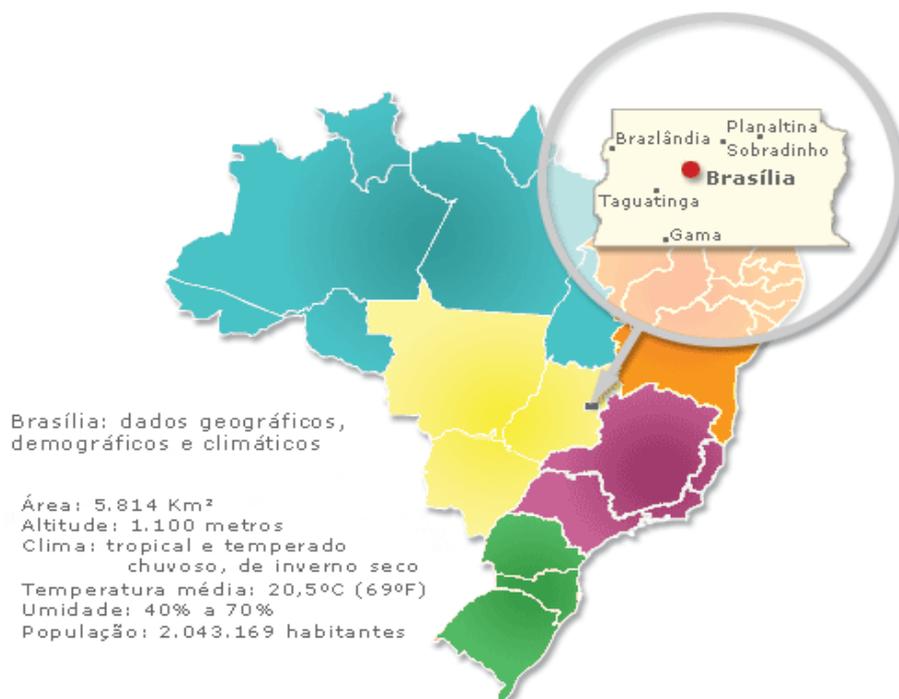


Fig. 2. Mapa com destaque para Brasília no cento do Brasil, fonte de pesquisa: em 22-11-2009.[www.embrapa.br/acessado](http://www.embrapa.br/acessado)

<sup>35</sup> Mestre em História pela UFG. Professora no Núcleo de Reorientação Curricular, área de História da SEDUC, professora de História na EAJA da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e voluntária no Movimento Social Pastoral dos Migrantes, área de Urbanos.

## 1- Goiânia, no centro de Goiás e do Brasil

Goiânia foi a primeira cidade-capital planejada no Brasil no século vinte. Ela nasceu da idéia dos mudancistas, grupo político pós-1930, que desejava transferir a Capital do Estado de Goiás para outro local: um local central.

A idéia de transferir a capital da cidade de Goiás para outra região era antiga. No período colonial, D. Marcos de Noronha, primeiro Intendente da Capitania de Goiás, em 1753 cogitou em transferir a sede administrativa da Capitania para a região do município de Pirenópolis. No Império, a idéia da transferência foi abordada pelo Marechal de Campo, Miguel Lino de Moraes, segundo presidente da Província (1827-1831), que propôs sua mudança para a região de Niquelândia. Em 1863, o também presidente, José Vieira Couto de Magalhães defendeu a idéia da transferência da Capital para as margens do rio Araguaia. Na República, foi incorporada, no anteprojeto de lei de 1891, e no texto constitucional das reformas de 1898 e 1918, artigo 5º. – “a cidade de Goiaz continuará a ser a capital do Estado enquanto outra causa não deliberar o Congresso”.

Mas, foi com a ascensão de Pedro Ludovico Teixeira, em 22 de novembro de 1930, como Interventor Federal em Goiás, nomeado por Getulio Vargas, e dos mudancistas, que a idéia antiga se transformou em um projeto político, com adversários ferrenhos, os antimudancistas, grupo que apoiava as oligarquias anteriores e que tinha seu reduto político na então Capital do Estado.

Para fortalecer a idéia da transferência, Pedro Ludovico enfatizava nos seus discursos e relatórios a importância de uma Capital Moderna para Goiás e criticava as condições gerais da então Capital, utilizando para tanto sua linguagem de Médico.

Assim, em 1933, enviou ao Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, um relatório sobre a Cidade de Goiás justificando a inviabilidade de esta ser a Capital do Estado devido a diversos problemas por ele diagnosticados. Destes, dois merecem destaque: a frágil saúde da cidade na época (construção das casas, abastecimento de água e saneamento básico) e a inviabilidade em recuperá-la; a dificuldade de comunicação entre a Capital e o Estado e o País, por causa da precariedade dos transportes e de sua localização devido ao ponto onde se encontra, na visão do Interventor.

Historicamente, podemos afirmar que esses argumentos, urbanos e sanitários, em relação à Cidade de Goiás, são secundários. A questão maior era de ordem política.

Fundada em 1727, por Bartolomeu Bueno da Silva, o Arraial de Sant'Anna, posteriormente Vila Boa (atualmente município de Goiás), foi capital do estado até 1933. A Antiga Goiás, ou Goiás Velho, como é conhecida carinhosamente pelo povo goiano, surgiu da garimpagem do ouro, da ambição dos bandeirantes, patrocinados pelo então império colonial português. Até hoje, sua arquitetura, tombada pelo Patrimônio Cultural da Humanidade, guarda os traços dessa atividade, o que nos leva a lembrar dos seus dias de glória. (ARRAIS, 2004, p. 102)

Era uma questão estratégica da manutenção do poder por Ludovico, pois ele o obteve pela via revolucionária, sem grande respaldo popular e com forte oposição de grupos organizados, e, precisava mantê-lo. Para tanto, paulatinamente, o Interventor foi “fechando” os espaços dos grupos que lhe faziam frente. “Foi, porém, com a questão da mudança da capital que ele alijou definitivamente seus contendores” (CAMPOS, 2002, p.180).

Para Campos, cientista político, em relação à transferência,

“Ludovico não colocou a questão política como causa primordial da transferência da capital, destacando os problemas: *sanitário*, “inviabilidade de a Cidade de Goiás continuar hospedando o Governo”; *econômico*, “incapacidade da Cidade de Goiás de promover o progresso do Estado”, vindo a colocar a questão política somente em 1942 no discurso de inauguração oficial, quanto todo o governo já estava instalado.”(CAMPOS, 2002, p. 181)

O Interventor argumentava que uma Capital Moderna deveria ser construída num local central do Estado para facilitar a acessibilidade e comunicação e ser pólo irradiador de uma nova mentalidade. Nomeou uma comissão, pelo decreto nº 2.737 de 20 de dezembro de 1932, para escolher este local. A Comissão escolheu Campinas, hoje um bairro de Goiânia, como local central, “Considerando que Campinas se acha situada no ponto centrico da parte mais povoada do Estado, e a sua topografia das mais apropriadas e belas para a construção de uma cidade urbanamente moderna [...]” (MONTEIRO, 1938, p. 44).

Pelo decreto nº 3.359 de 18 de maio de 1933, Artigo 1º, foi demarcado o sítio na área escolhida pela Comissão.

“A região às margens do córrego Botafogo, compreendida nas fazendas denominadas “Crimeia”, Vaca Brava” e “Botafogo”, no município de Campinas, fica escolhida para nela ser edificada a futura Capital do Estado, devendo o governo mandar organizar o plano definitivo da nova cidade. [...]” (SILVA, 1993, p.19)

Em 24/10/1933, foi lançada a Pedra Fundamental da construção da futura Capital, na expectativa da transformação do solo rural em urbano. A mudança da capital foi incorporada à constituição estadual em 1935, o que implicou acordo entre Pedro Ludovico e as lideranças políticas contrárias a mudança. Em 23/03/1937, pelo Decreto nº 1816, houve a transferência definitiva da Capital da Cidade de Goiás para Goiânia. Em 05/07/1942 aconteceu o Batismo Cultural de Goiânia e sua entrega solene para o Brasil. Nesse momento ela não era apenas a promessa, mas o prenúncio da concretização.

Goiânia, a primeira cidade-capital planejada do século vinte no Brasil foi construída com Idéias, Relatórios, Planos modernos, Leis e Decretos do Estado de Goiás, na vigência da Era Vargas. Planejada para 50.000 mil habitantes, no final do século vinte, abrigava mais de 1.000.000 de moradores. Contemplou a expectativa dos seus idealizadores, dos mudancistas, graças à força dessa gente (GRAEF, 1983), pioneiros,

chegantes que vieram de vários lugares do Estado, do Brasil e do Mundo, construir a sua história na poeira, no chão vermelho, no “vazio” no “nada”, no Sertão, hoje Cerrado da região central do Brasil.

## 2- Brasília, no centro do Brasil

Brasília foi a segunda cidade capital planejada no Brasil no século vinte. Ela nasceu da idéia do grupo político ligado a Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil (1956-1961) na ideologia Nacional Desenvolvimentista expressa no Plano de Metas que tinha como slogan “50 anos em 5”. O Plano era novo, a idéia da transferência da Capital do litoral para uma região interior do país, antiga.

Desde a Constituição Federal de 1891, “Art. 3º Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente, demarcada, para nella estabelecer-se a futura Capital Federal. (Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada a 24 de fevereiro de 1891, In. ARRAIS, 2004, p. 136).

Mas, foi com a campanha presidencial de Juscelino Kubitschek pautada na Modernização e na Modernidade, que a idéia ganhou força. Eleito Presidente do Brasil iniciou o processo de construção e transferência da Capital Federal e, em 21 de abril de 1960, ela foi inaugurada.

Vesentini, analisa a construção de Brasília.

“As condições econômicas, sociais e políticas que dão sentido a este ato – embora ele não seja “deduzível” a partir delas – [...] podem ser assim esquematizados: o novo momento de acumulação de capital, com maior internacionalização da economia; a ideologia nacional-desenvolvimentista no governo JK; a influência do pensamento geopolítico no aparato estatal e na política espacial do governo Federal; o planejamento mais centralizado em economia como o Plano de Metas; o coroamento do final da década de 1950 do processo de engendramento de um espaço geográfico nacional; a situação da luta de classes no período 1945 até o governo JK, ressaltando-se especialmente o projeto político do empresariado industrial. Como toda ação histórica, a transferência da Capital Federal para Brasília não é explicável por nenhuma “teoria geral” da cidade capital, mas pelas determinações específicas da *situação* (grifo no original) que lhe deu origem, mais como política que como necessidade, e sobre a qual ela - a Nova Capital - reversivamente passou a influenciar na condição de obra consumada.” (VESENTINI, 1987, p. 24)

Segundo sua análise, nenhuma “teoria geral” pode explicar o fenômeno da construção de Brasília e a transferência da Capital Federal. Neste, estão mesclados discursos dos mudancistas: racionais, geopolíticos, econômicos, militares e outros. É difícil também explicar o porquê milhares de pessoas atenderam ao chamado do governo e partiram do seu lugar de origem para o Centro do Brasil. Talvez, movidas pela esperança ou pelo sentimento da aventura.

A 3 de novembro de 1956, armaram-se as primeiras barracas de lona e ergueram-se casas de tábua para abrigar os primeiros trabalhadores da obra.

“Os candangos – nome utilizado para designar esses trabalhadores – vão chegando de inúmeros recantos do País, principalmente do Nordeste, de Minas Gerais, de Goiás e do Mato Grosso. O número de pessoas na área do novo Distrito Federal passou de 12.238 em julho de 1957 para 28.804 em fevereiro de 1958 e 64.314 em maio de 1959 (...) O ritmo de trabalho foi intenso até 1960. Os grupos de operários revezavam-se continuamente sem interrupções [...]” (VESENTINI, 1987, p. 108)

Esses trabalhadores, hoje moradores das áreas periféricas do Centro Brasília, conhecidas como cidades satélites e identificadas de Regiões Administrativas do Distrito Federal, são os verdadeiros construtores da Capital Federal.

### **3- Planos urbanísticos e Arquitetura: Formas e História do Brasil Central**

#### **3.1 Atílio Corrêa Lima e os Centros do Centro de Goiânia**

Atílio Corrêa Lima foi o Arquiteto-Urbanista contratado pelo Governo de Pedro Ludovico Teixeira para planejar e administrar a construção da futura cidade-capital de Goiás. Após análise da área, fez um Plano para a futura Capital. Neste Plano, planejou dois centros: um por ele denominado de “cabeça”, a Praça Pedro Ludovico Teixeira, conhecida como Praça Cívica e o outro a Praça Atílio Corrêa Lima, conhecida como Praça do Bandeirante.

##### **3.1.1 “Praça Cívica” e o Palácio das Esmeraldas**

Esta praça foi concebida com a função de administrar o Estado. Todos os órgãos administrativos foram planejados para ficar ao redor do Palácio, a morada do dirigente. O termo “cabeça” faz parte da concepção de cidade na época, início do século vinte, que a via como um corpo com funções definidas e interligadas.

Para concebê-la o Arquiteto-Urbanista seguiu modelos europeus adaptando-os as condições do Sertão goiano, geográfica, política, econômica e culturalmente, expressa nas condições materiais para sua concretização, e Criou um monumento, símbolo da época e na atualidade: o Palácio das Esmeraldas.



Fig. 4 Palácio das Esmeraldas. Autor: Aníbal Machado. Déc 1940. Goiânia. MZA/MIS-GO

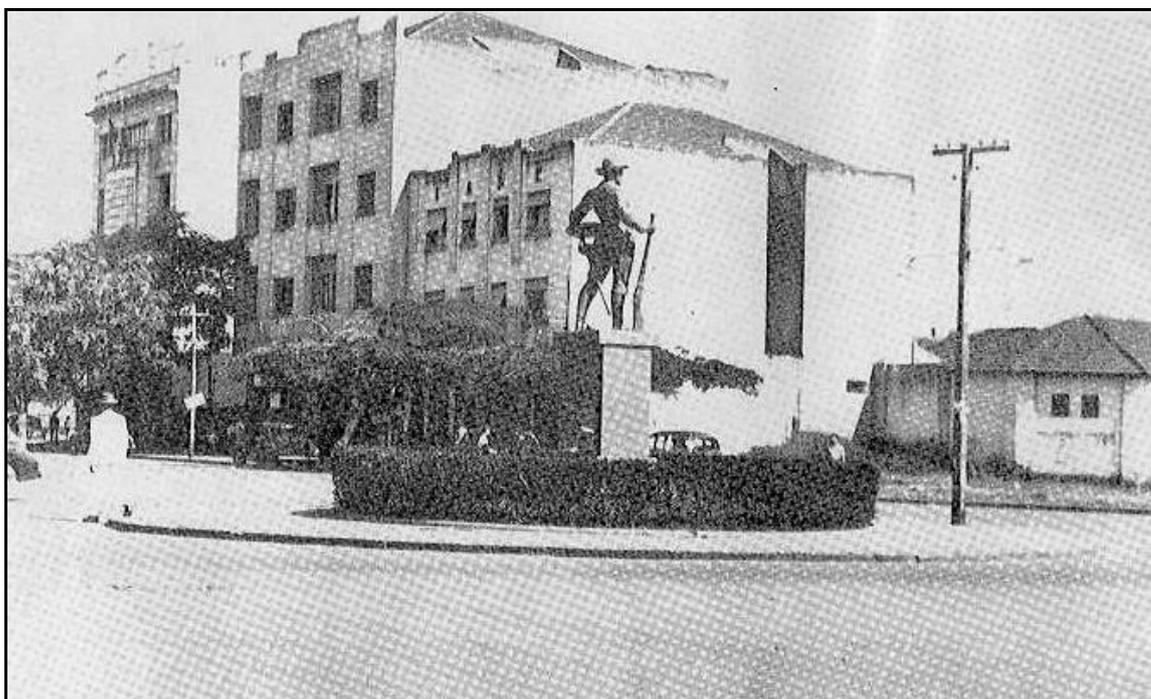
**Descrição do Patrimônio.** O Palácio das Esmeraldas é a edificação mais central da cidade e chama a atenção por seus altos e baixos relevos inseridos na platibanda. É um edifício horizontal com vitral central trabalhado que retratam fatos da história de Goiás, como a flora, a fauna, o desbravamento do cerrado, a entrada dos bandeirantes, especialmente, a conquista do Anhanguera. Pilares com cantos arredondados foram inseridos paralelamente na entrada principal. O revestimento em mica dá a essa construção uma conotação muito especial: a massa de pó de pedra é de brilho peculiar, de duração quase eterna. Sua cor verde garante à edificação o codinome “Casa Verde”. Outra característica que merece destaque são as janelas com venezianas tipo Copacabana, que lembram as usadas nas edificações em art déco do bairro de mesmo nome, no Rio de Janeiro. Três vigas horizontais (beiras retangulares) sobrepostas às janelas protegem-nas do sol e da chuva. A balaustrada, colunas sem capitéis e uma cobertura na entrada lembrando uma *lodja*, faz alusão a outros estilos anteriores ao art déco. Em todas as edificações erguidas na década de construção do complexo arquitetônico da Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira – antiga Praça Cívica, foram utilizadas a taipa e o adobe, estruturas mistas de concreto e alvenaria. As lajes e as escadas foram construídas em concreto armado, e os terraços impermeabilizados com três camadas de feltro bluminoso, intercaladas com asfalto, de fabricação americana, já as esquadrias em madeira foram feitas aqui. FONTE: Secretaria Municipal de Cultura – Divisão do Patrimônio Histórico, sem nº de páginas.

**Tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás, pela Lei nº 8.915 de 10 de maio de 1980. Teve tombamento reformado pelo Decreto nº 4943 de 31 de agosto de 1998, fundamentado na Lei nº 13.312 de 09 de julho de 1998.**

### 3.1.2 “Praça do Bandeirante” e o Bandeirante

Goiás, Anhanguera, Bandeirante se encontram e desencontram no ponto central de Goiânia, o comercial, no planejamento e previsão de Atílio Corrêa Lima. “Como centro comercial designamos a área mais central da cidade onde gravita o comércio, onde a construção é mais densa” (LIMA, 1937).

Esta Praça foi concebida, para ser o ponto central da Capital, o encontro com ela mesma e com outras cidades. Duas avenidas concretizaram este encontro, a Avenida Goiás, no sentido Norte/Sul e a Avenida Anhanguera, no sentido Leste/Oeste. Outro símbolo importante e polêmico na atualidade marca culturalmente a Praça: a estátua do Bandeirante.



**DESCRIÇÃO DO PATRIMÔNIO:** O monumento: Estátua com 2,50 por 2,0 metros, altura de 2,50 metros, fundida em bronze. Base de granito vermelho e placa com os dizeres: “aos goianos, nobre estirpe dos Bandeirantes – Centro Acadêmico XI de Agosto”. (FONTES: Correio Oficial de 20-10-1942, nº 4453, p.1 e O POPULAR de 30-09-2003,p5).

**Tombado como patrimônio pela Lei Municipal nº 6962 de 21/06/1991**

**Fig. 5. Praça do Bandeirante. Autor: Hélio de Oliveira. Déc. 1950. Goiânia. SEPLAN**

Por ser o Centro do Centro de Goiânia esta praça tem grande importância na estruturação do todo urbano, na comunicação e acessibilidade da Cidade. Além destes fatores, e principalmente pelo aspecto estratégico, a “Praça do Bandeirante” já foi palco de várias manifestações sociais, dentre estas, as do Movimento Estudantil que ao longo da história de Goiânia, se utilizou desse espaço para suas reivindicações.

A Praça do Bandeirante já sofreu várias modificações na sua forma e em 2003, dentro do projeto de revitalização da Av. Goiás, sua área foi reduzida para facilitar a acessibilidade, conforme discurso oficial, mas quase inviabiliza as manifestações sociais. O pedestal que sustenta a estátua do bandeirante foi modificado e elevado para uma altura de seis metros, permanecendo distante do público que circula diariamente pelo local. Mas, Ele - o Bandeirante - ícone urbano e patrimônio material polêmico de Goiânia continua apontando para o Oeste no Centro da Cidade, simbolicamente demonstrando que a Marcha para Oeste continua...

Professor(a), desde o Caderno 6, na Sequência Didática *Memória da Infância: Brinquedos e Brincadeiras como Patrimônio*, estamos trabalhando com o Patrimônio que pode ser material e imaterial. As cidades são repletas de ambos. Assim, sugerimos que, a partir do conhecimento destes dois ícones urbanos de Goiânia, você incentive uma pesquisa com o Patrimônio Material da sua cidade, podendo, inclusive, começar pela própria escola.

Outra sugestão é referente a Biografias. Na atualidade, aquela concepção de heróis da História não está em evidência. Pedro Ludovico Teixeira e Atílio Corrêa Lima não construíram Goiânia sozinhos. Será que não havia com eles pedreiros, pintores, engenheiros, cozinheiros e outras pessoas? A ênfase na construção coletiva é muito importante, mas importante também são as Biografias e cremos que estas podem e devem ser trabalhadas. Conhecer os nomes das pessoas que estão marcadas nos monumentos e na História da sua Cidade é muito importante para a reflexão história, pois é a partir do presente que nós olhamos o passado.

Desta forma, além da pesquisa sobre o Patrimônio Material, sugerimos também uma pesquisa sobre a Biografia dos “inventores” da sua cidade

### 3.2 Brasília, Lucio Costa e o Plano Piloto

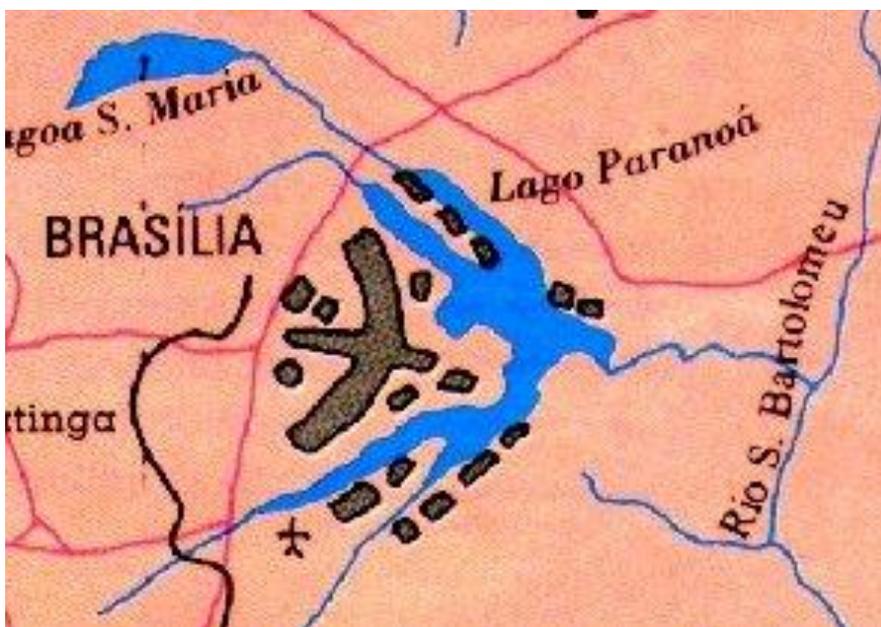


Fig. 7 No concurso para a construção de Brasília, concorrendo com grandes empresas internacionais, que apresentaram projetos coloridos de alto efeito, Lúcio Costa entregou à Comissão Julgadora apenas um rabisco a lápis, feito displicentemente sobre o papel, dando à cidade a aparência de um avião, com asa norte, asa sul, cabine e corpo. O projeto encantou os grandes arquitetos internacionais que formavam a comissão e levou o prêmio vencedor.

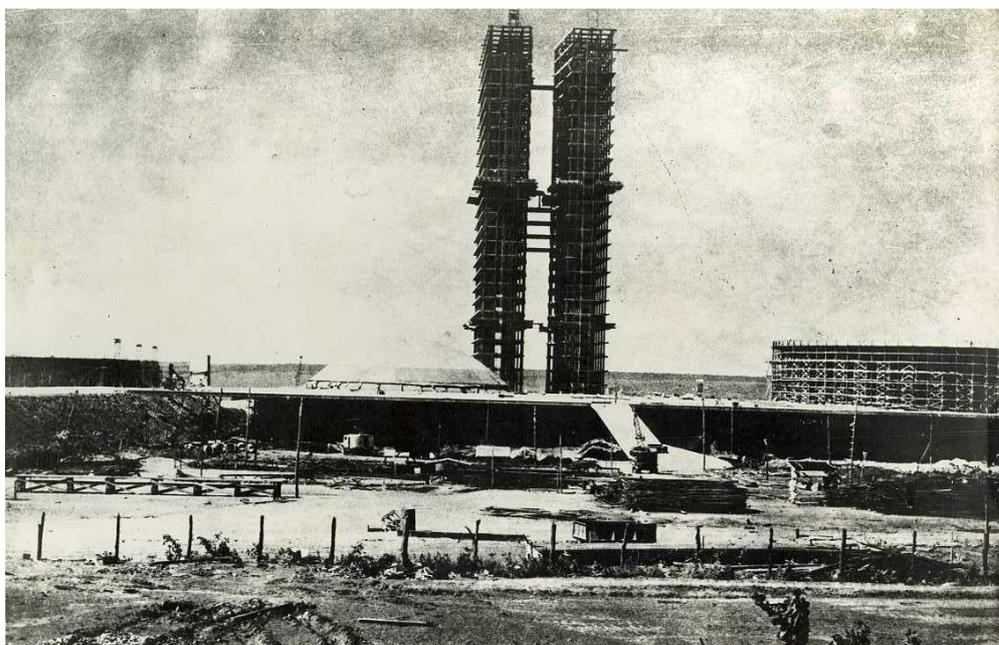
[http://www.pitoresco.com/espelho/destaques/lucio\\_costa/lucio\\_costa.htm](http://www.pitoresco.com/espelho/destaques/lucio_costa/lucio_costa.htm)

A idéia da Nova Capital nascia sob a égide da Modernidade. Esta deveria estar impressa num plano urbano contemporâneo e adequado a localidade. A comissão que escolheria o Plano era formada pelo Arquiteto Oscar Niemeyer, um representante do Instituto de Arquitetos do Brasil, outro, do Clube de Engenharia do Brasil, e urbanistas internacionais. O projeto escolhido foi o de Lúcio Costa, Arquiteto e Urbanista destacando o encontro de dois eixos. Para os Urbanistas, um conceito simples e universal.

Para estes, Lúcio Costa planejou uma Brasília moderna, voltada para o futuro, mas ao mesmo tempo "bucólica e urbana, lírica e funcional". Ele eliminou cruzamentos para que o tráfego dos automóveis fluísse mais livremente, concebeu os prédios residenciais com gabarito uniforme e construídos sobre pilotis para não impedir a circulação de pessoas. Uma cidade rodoviária com amplas avenidas e vasto horizonte, valorizando o paisagismo e os jardins.

Podemos dizer que Brasília não tem um Centro, ela é o próprio Centro do Distrito Federal e do Brasil.

### 3.2.1 Oscar Niemeyer e a Arquitetura Patrimônio Cultural da Humanidade



#### *Congresso Nacional em Construção*

[www.camara.gov.br/internet/infDoc/.../congresso.htm](http://www.camara.gov.br/internet/infDoc/.../congresso.htm), acessado em 26/11/2009

Falar de Oscar Niemeyer é muito difícil, melhor seria mostrar imagens do vasto acervo arquitetônico que criou no Brasil e em alguns lugares do mundo. Arquiteto e Urbanista que faz do concreto, material moldável a sua habilidade em projetar e construir formas sinuosas e curvas estonteantes é a grande expressão da Forma Moderna arquitetonicamente, da Modernidade como mentalidade e uma das maiores figuras do século vinte.

Quando Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República e iniciou o processo de construção da Nova Capital Federal, nomeou, em 1956, Niemeyer como

Diretor do Departamento de Arquitetura da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), empresa encarregada da construção de Brasília.

Respeitando o projeto do Plano Piloto de Lucio Costa, Niemeyer elaborou um dos mais importantes exemplares da arquitetura mundial contemporânea, símbolo maior da arquitetura e do urbanismo brasileiros. Projetou, entre outros edifícios e logradouros, o Palácio da Alvorada – residência oficial do Presidente da República; a Praça dos Três Poderes; o Congresso Nacional; o Palácio do Planalto, sede do governo federal, o Palácio da Justiça, a Esplanada dos Ministérios (1956-1958). Também são de sua autoria os projetos da Catedral de Brasília (1958-1970); o Palácio dos Arcos (1959-1967), e o Teatro Nacional (1960-1963).

Devido ao conjunto da obra (Urbanismo e Arquitetura), Brasília foi tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade trinta anos após sua inauguração, numa tentativa de preservação de uma época, “riscada” no solo Central do Brasil.

#### **4- Região do Botafogo em Goiânia e as Cidades Satélites de Brasília: os Não Centros e o valor da Terra Mercadoria**

Cientistas analisam o que é um centro geográfico, planejado ou não. Alegam que este Centro só se torna realmente centro no processo histórico. Planejá-lo num Plano Urbanístico, no caso das cidades-capitais, não significa que, ao longo do tempo, ele realmente se tornará centro. Isto só acontece quando os que vierem habitá-lo o reconhecerem como tal.

Alegam que um Centro só existe se houver um Não-Centro.

Mas, o que significa tudo isto?

Para entender esta idéia é simples.

Desenhe no seu caderno um ponto. Olhe-o e verifique que ele não é nada mais do que um ponto. Agora, faça ao redor desse ponto um círculo e este se transformará num centro. Assim, para que ele exista como centro ele precisa da periferia geométrica que o consagre como tal. (VILLAÇA, 1998).

Quando falamos de centro e periferia em relação à ocupação urbana, não estamos dizendo que, quem mora na periferia é pobre, até porque os condomínios fechados, geralmente, se localizam nas regiões periféricas. Falamos da periferia que dá sentido ao Centro.

Mas, em relação à história de Goiânia e de Brasília, os operários, trabalhadores que vieram construí-la, foram geográfica e socialmente, alijados do Centro e expulsos para a periferia: Região do Botafogo em Goiânia e Cidades Satélites em Brasília.

Para entender o porquê deste processo, precisamos entender o avanço das forças capitalistas na região central do Brasil. Como é do seu conhecimento, o Capitalismo é um sistema econômico que tem dentro de si a contradição. Esta é o seu motor e faz parte do sistema. Desta forma, quando o Capital olhou mais intensamente para o Centro do Brasil na Era Vargas e posteriormente nos outros governos presidenciais, a Terra passou a ter um valor comercial maior do que tinha. O chão vermelho do Sertão passou a ter valor de Terra-Mercadoria.

Com a construção das cidades, implantação da estrutura urbana e viabilização da rede de transportes, o valor desta Terra ficou maior, pois a este foi acrescido o valor da acessibilidade. Como é uma região central, a valorização foi, e continua sendo, intensa.

## 4.1 Botafogo e Cidades Satélites

Quando o processo de construção de Goiânia teve início na década de 1930, vieram para a região mais de 4000 trabalhadores, sendo que a maioria do Nordeste. O Plano de Atílio Corrêa Lima não previa um espaço para estes trabalhadores. Eles ocuparam uma região que ficava “do outro lado do centro”, a região do Botafogo. Esta durante muito tempo foi discriminada pelos moradores de Goiânia devido sua origem. Na década de 1940 a região foi reconhecida oficialmente pelo governo e transformada em bairro conhecido como Vila Nova.

Na construção de Brasília, décadas 1950/1960, aconteceu o mesmo processo. O Plano Piloto não previa espaço para os trabalhadores que aceitaram o convite para viver a aventura da construção de uma Capital Federal.

As cidades satélites surgiram pela urgência imposta pelas invasões. O termo designa um conjunto de cidades que vivem em função de outra. Em junho de 1958, nascia a primeira cidade satélite, Taguatinga, construída às pressas para abrigar 50.000 pessoas, em sua maioria operários com suas famílias. As Satélites, aos poucos, se transformariam em importantes centros econômicos. Depois de Taguatinga, Israel Pinheiro iniciou a construção de outras Satélites: Sobradinho, Paranoá e Gama.

Para Arrais, geógrafo,

Mesmo com as diferenças entre as cidades satélites, elas são resultado da periferização e fragmentação do tecido urbano do Distrito Federal. [...] O Distrito Federal, e mesmo Brasília, está muito distante do eldorado que muitos imaginam. A mobilidade da população tem sido proporcional à mobilidade dos problemas, e o sonho de uma capital igualitária se dissolve, na medida que os sucessivos governos do Distrito Federal não colocam como prioridade uma política social conjunta, que englobe não apenas a primeira periferia de Brasília, mas também o Entorno goiano de Brasília. (ARRAIS, 2004, p. 148)

A região do Entorno é um grande exemplo da ocupação das forças capitalistas na Terra e sua transformação em mercadoria.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAIS, Tadeu Alencar. *Geografia Contemporânea de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2004.
- CAMPOS, Itami. *Mudança da Capital: Uma estratégia de Poder*, In BOTELHO, Tarcísio (Org). *Goiânia. Cidade pensada*. Goiânia: Editora UFG, 2002.p 170 – 184.
- FONTANEZI, Janete Romano. *Centro Principal de uma Capital Planejada: Forma, História e Memória de Goiânia (1933-1969)*. 2004. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2004.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. 1983. *Goiânia: 50 anos*. Goiânia: Editora da UCG, 1983.
- LEPETIT, Bernard. *A cidade moderna na França: ensaio da história imediata*. In SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Por uma nova história urbana. Bernard Lepetit*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 45 – 85.
- LIMA. Attlio Corrêa. *Relatório - Plano Diretor da Cidade*. In. MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938, 136 – 146.
- \_\_\_\_\_. *Goiânia: a nova capital de Goiás*. Revista de Arquitetura e Urbanismo-jan./fev.1937-In. MANSO, Celina Fernandes Almeida. *Produção do espaço urbano de Goiânia, planos e projetos (1933- 1938)*. 1999. 358 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1999, anexos.
- MENDONÇA, J. G. C. . *A Assembléia Constituinte Goiana de 1935 e o Mudancismo Condicionado*. 1ª. ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2008.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.
- SANTA DICA, Agenda Cultural, Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia. Maio de 2004, nº 22, não numerada.
- SILVA, Colemar Natal. *Goiânia, Origem – Projetos – Concretização*. Goiânia: Editora da UFG, 1993.
- VESENTINI, José Willian. *A capital da geopolítica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998
- SITES:
- [www.a-enciclopedia-livre.info/?title=Goiás](http://www.a-enciclopedia-livre.info/?title=Goiás)
- [www.sct.embrapa.br/aunidade/localizacao2.htm](http://www.sct.embrapa.br/aunidade/localizacao2.htm)
- [http://www.pitoresco.com/espelho/destaques/lucio\\_costa/lucio\\_costa.htm](http://www.pitoresco.com/espelho/destaques/lucio_costa/lucio_costa.htm)
- [www.Candago.com.br](http://www.Candago.com.br)
- [www.portalbrasil.net/brasil\\_cidades\\_brasilia.htm](http://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_brasilia.htm)
- [www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia)





Goiânia - 2009

